



FACULDADE DE INHUMAS - FACMAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

NATÁLIA CRISTINA DE SOUZA MOREIRA

**O ADOECIMENTO DO PROFESSOR ESTRATÉGIAS DE
ENFRENTAMENTO E RESISTÊNCIA**

INHUMAS, GO

2021

NATÁLIA CRISTINA DE SOUZA MOREIRA

**O ADOECIMENTO DO PROFESSOR ESTRATÉGIAS DE
ENFRENTAMENTO E RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Faculdade de Inhumas-GO, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura, Teorias e Processos Pedagógicos

Orientadora: Dra. Selma Regina Gomes.

INHUMAS, GO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BIBLIOTECA CORA CORALINA - FacMais

M838a

MOREIRA, Natália Cristina de Souza
O ADOECIMENTO DO PROFESSOR ESTRATÉGIAS DE
ENFRENTAMENTO E RESISTÊNCIA. Natália Cristina de Souza
Moreira. – Inhumas: FacMais, 2021.

96p.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Educação Superior de Inhumas -
FacMais, Mestrado em Educação, 2021.

“Orientação: Selma Regina Gomes”.

1. Adoecimento do professor; 2. Trabalho; 3. Enfrentamento; 4.
Resistência. I. Título.

CDU: 37



FACULDADE DE INHUMAS – FACMAIS
COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO



MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

O ADOECIMENTO DO PROFESSOR: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E RESISTÊNCIA

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Inhumas – PPGE/FACMAIS, aprovada em 10 de setembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
Selma Regina Gomes
Data: 25/05/2022 10:43:36-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dra. Selma Regina Gomes
Membro Presidente
Faculdade de Inhumas – FacMais



Documento assinado digitalmente
Ronaldo Manzi Filho
Data: 25/05/2022 10:38:17-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Ronaldo Manzi Filho
Membro Convidado Interno
Faculdade de Inhumas – FacMais



Documento assinado digitalmente
Marco Aurélio Pedrosa de Melo
Data: 31/05/2022 13:56:56-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr Marco Aurélio Pedrosa de Melo
Membro Convidado Externo
Universidade Estadual de Goiás

*Você não tem ideia
do tanto
de pranto
que meu sorriso esconde*

*dos medos enrustidos
que não deixo transparecer.
você nem imagina
o tamanho do meu fardo
e das coisas que eu guardo
pra não enlouquecer .*

*é que no dia a dia,
no meio da correria
não há quem faça
a menor questão
de perceber*

*que por dentro
meu coração
grita*

Lucas Hermuch

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao meu Deus criador do universo e da Terra.

Ao meu querido companheiro de vida, Danilo Valdemar Lopes Martins, por partilhar comigo a vida e torná-la mais suave e calma permanecendo ao meu lado em todos os momentos e por cuidar tão bem dos nossos filhos para que eu me dedicasse à escrita. Sem você seria impossível!

Aos meus filhos amados, Davi Lopes de Souza Moreira e Danilo Valdemar Lopes Martins Filho, por abdicarem da atenção materna nestes anos de mestrado.

À Luzia Aparecida Rosa, mãe querida.

Ao João de Souza Moreira Filho, pai querido!

À Professora Dra. Selma Regina Gomes pelo excelente trabalho como orientadora, paciente e assertiva em todas as orientações.

Aos professores e professoras do Programa de Mestrado em Educação, por serem tão solícitos em ajudar;

Aos colegas do Mestrado por terem tornado a jornada mais agradável e alegre.

À Secretaria da Educação de Inhumas por permitir que meu trabalho caminhasse lado a lado com minha pesquisa.

RESUMO

O tema desta pesquisa está relacionado às questões sobre o adoecimento do trabalhador da Educação Básica no município de Inhumas / Goiás. Para este estudo, adotou-se a noção de trabalho, interligado à forma como a sociedade se organiza para atender o viver das pessoas, cuidando de questões vulneráveis neste campo. Para tal, buscou-se a compreensão acerca da possibilidade de resistência ao processo que desencadeia o adoecimento, uma tentativa de entendimento a respeito do enfrentamento, por parte do professor, às demandas de trabalho e suas implicações para a saúde. Portanto, traçou-se como objetivo central desta pesquisa conhecer a percepção de educadores da Educação Básica acerca da relação entre adoecimento e trabalho docente, destacando suas estratégias de enfrentamento e resistência. A questão problema que deu origem à pesquisa foi: que estratégias de enfrentamento e resistência os professores da Educação Básica utilizam frente à emergência de problemas relacionados à organização do trabalho docente potencializadores do adoecimento? O objetivo geral da pesquisa é conhecer a percepção de educadores da Educação Básica acerca da relação entre adoecimento e trabalho docente, destacando suas estratégias de enfrentamento e resistência. E, os objetivos específicos são: contextualizar a organização do trabalho docente frente às mudanças relacionadas à lógica da produtividade; realizar um estudo teórico a respeito da saúde do professor, situando as proposições a respeito do tema; refletir a respeito da relação entre o adoecimento e o trabalho docente; identificar e analisar as estratégias de enfrentamento e resistência de educadores da Educação Básica frente aos problemas referentes ao trabalho docente. O método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento pela materialidade histórica da vida dos homens em sociedade. Isto é, trata-se de descobrir por meio do movimento do pensamento as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade através da história. O trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro apresenta-se as condições de trabalho no âmbito da docência; o segundo capítulo traz o resultado da pesquisa bibliográfica realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC) num processo de análise da produção científica no âmbito da pós-graduação, nas áreas de Educação e Saúde; e, no terceiro realizou-se uma reflexão a respeito das estratégias de enfrentamento e resistência de educadores da Educação Básica frente aos problemas referentes ao trabalho docente e o resultado da pesquisa realizada com professores do Município de Inhumas.

Palavras-chave: Adoecimento do professor. Trabalho. Enfrentamento. Resistência.

ABSTRACT

The theme of this research is related to questions about the illness of Basic Education workers in the city of Inhumas / Goiás. For this study, the notion of work was adopted, linked to the way society organizes itself to meet people's lives, taking care of vulnerable issues in this field. To this end, we sought to understand the possibility of resistance to the process that triggers the illness, an attempt to understand the teacher's coping with work demands and their implications for health. Therefore, the main objective of this research was to know the perception of Basic Education educators about the relationship between illness and teaching work, highlighting their coping and resistance strategies. The problem question that gave rise to the research was: what coping and resistance strategies do Basic Education teachers use in the face of the emergence of problems related to the organization of teaching work that potentiate illness? The general objective of the research is to know the perception of Basic Education educators about the relationship between illness and teaching work, highlighting their coping and resistance strategies. And, the specific objectives are: to contextualize the organization of teaching work in the face of changes related to the logic of productivity; carry out a theoretical study about the health of the teacher, situating the propositions about the theme; reflect on the relationship between illness and teaching work; identify and analyze the coping and resistance strategies of Basic Education educators facing the problems related to the teaching work. The dialectical-historical materialist method is characterized by the movement of thought through the historical materiality of men's lives in society. That is, it is about discovering, through the movement of thought, the fundamental laws that define the organizational form of men in society throughout history. The work was organized into three chapters. The first presents the working conditions in the field of teaching; the second chapter brings the result of the bibliographical research carried out in the Capes Theses and Dissertations Catalog (CTDC) in a process of analysis of the scientific production in the scope of postgraduate studies, in the areas of Education and Health; and, in the third, there was a reflection on the coping and resistance strategies of Basic Education educators facing the problems related to teaching work and the result of the research carried out with teachers in the city of Inhumas.

Keywords: Teachers' illness. Work. Confrontation. Resistance.

LISTA DE SIGLAS

ADunicamp	Associação de Docentes da Unicamp
Adusp	Associação de Docentes da Universidade de São Paulo
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BM	Banco Mundial
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CTDC	Catálogo de Teses e Dissertações da Capes
DEL	Docente de Ensino de Línguas
FMI	Fundo Monetário Internacional
Fundeb	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
IDV-10	Índice de Desvantagem Vocálica-10
IFG	Índice de Função Glótica
IFG	Instituto Federal de Goiás
IFSP	Instituto Federal de São Paulo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MA	Magistério Artístico
MS	Magistério Superior
MST	Magistério Secundário Técnico
MTS	Magistério Técnico Superior
OIT	Organização Internacional do Trabalho
QV	Qualidade de Vida
QVT	Qualidade da Vida Profissional
REANP	Regime Especial de Aulas não Presenciais
SINASEFESP	Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica Seção Sindical São Paulo
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIP	Universidade Paulista
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Relação dos pesquisados com referência ao gênero.....	40
Gráfico 2 – Relação dos pesquisados quanto à idade.....	41
Gráfico 3 – Relação dos pesquisados quanto ao município onde moram.....	41
Gráfico 4 – Relação dos pesquisados quanto ao município em que trabalham.....	42
Gráfico 5 – Relação dos pesquisados quanto à forma de contratação.....	42
Gráfico 6 – Relação dos pesquisados no que se refere a trabalhar em mais de uma escola.....	43
Gráfico 7 – Relação dos pesquisados no que se refere à jornada de trabalho.....	44
Gráfico 8 – Relação dos pesquisados quanto ao número de escolas que trabalha.....	44
Gráfico 9 – Relação dos pesquisados quanto à carga horária total.....	45
Gráfico 10 – Relação dos pesquisados quanto ao número de escolas que trabalha.....	46
Gráfico 11 – Relação dos pesquisados quanto à formação acadêmica.....	46
Gráfico 12 – Relação dos pesquisados quanto ao de conclusão da formação.....	47
Gráfico 13 – Relação dos pesquisados no que se refere às pós graduações realizadas.....	47
Gráfico 14 – Relação dos pesquisados quanto aos conteúdos das disciplinas de formação geral.....	48
Gráfico 15 – Relação dos pesquisados no que se referem às disciplinas profissionalizantes do curso.....	48
Gráfico 16 – Relação dos pesquisados no que se refere à formação profissional voltada ao trabalho docente.....	49
Gráfico 17 – Relação dos pesquisados no que se refere à avaliação que fazem do próprio curso de graduação.....	49
Gráfico 18 – Relação dos pesquisados no que se refere aos conhecimentos que permitiram-lhes compreender melhor o mundo em que vivemos.....	50
Gráfico 19 – Relação dos pesquisados no que se refere aos conhecimentos que lhes permitiram compreender as nuances do trabalho docente.....	50
Gráfico 20 – Relação dos pesquisados quanto à sua preparação para enfrentar o mundo do trabalho.....	51
Gráfico 21 – Relação dos pesquisados quanto estar satisfeito com seu salário.....	52

Gráfico 22 – Relação dos pesquisados quanto à satisfação quanto à jornada de trabalho.....	52
Gráfico 23 – Relação dos pesquisados referente a como se sentem em relação à quantidade de trabalho.....	53
Gráfico 24 – Relação dos pesquisados quanto à sua satisfação em relação às condições de trabalho.....	53
Gráfico 25 – Relação dos pesquisados quanto cansaço causado pelo trabalho.....	54
Gráfico 26 – Relação dos pesquisados no que se referem às oportunidades de tomar decisões no seu trabalho.....	54
Gráfico 27 – Relação dos pesquisados quanto à importância que eles veem no trabalho que desempenham.....	55
Gráfico 28 – Relação dos pesquisados quanto à possibilidade de desempenhar várias tarefas e trabalhos no trabalho.....	56
Gráfico 29 – Relação dos pesquisados quanto às responsabilidades que lhes são conferidas.....	56
Gráfico 30 – Relação dos pesquisados quanto à satisfação com a oportunidade de crescimento profissional.....	57
Gráfico 31 – Relação dos pesquisados quanto às satisfações em relação aos treinamentos dos quais participa.....	57
Gráfico 32 – Relação dos pesquisados quanto às satisfações em relação às normas e regras do seu trabalho.....	58
Gráfico 33 – Relação dos pesquisados quanto ao respeito à sua individualidade no trabalho.....	59
Gráfico 34 – Relação dos pesquisados quanto ao tempo de se dedicarem ao lazer.....	60
Gráfico 35 – Relação dos pesquisados quanto à tensão e cansaço.....	60
Gráfico 36 – Relação dos pesquisados quanto ao salário.....	61
Gráfico 37 – Relação dos pesquisados quanto à jornada de trabalho.....	61
Gráfico 38 – Relação dos pesquisados quanto ao tempo para ajustar vida pessoal com a vida profissional.....	62
Gráfico 39 – Relação dos pesquisados quanto ao nível de exigências da rede de ensino.....	62
Gráfico 40 – Relação dos pesquisados quanto ao nível de exigências do corpo administrativo.....	63

Gráfico 41 – Relação dos pesquisados quanto ao nível de exigências da família...	
Gráfico 42 – Relação dos pesquisados quanto ao nível de exigências dos alunos..	64
Gráfico 43 – Relação dos pesquisados quanto ao nível de exigências que você se impõe como profissional da educação.....	65
Gráfico 44 – Relação dos pesquisados quanto à falta de estrutura física da escol.	65
Gráfico 45 – Relação dos pesquisados quanto à falta de estrutura familiar.....	66
Gráfico 46 – Relação dos pesquisados quanto à falta de interesse do aluno.....	66
Gráfico 47 – Relação dos pesquisados quanto à ausência de recursos pedagógicos para realização das aulas.....	67
Gráfico 48 – Relação dos pesquisados quanto à ausência de planejamento coletivo.....	67
Gráfico 49 – Relação dos pesquisados quanto à ausência de planejamento das atividades de sala de aula.....	68
Gráfico 50 – Relação dos pesquisados quanto ao ensino de alunos na escola.....	69
Gráfico 51 – Relação dos pesquisados quanto ao planejamento ou preparação das aulas, tanto na escola quanto fora da escola.....	69
Gráfico 52 – Relação dos pesquisados quanto às tarefas administrativas, tanto na escola quanto fora da escola.....	70
Gráfico 53 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que visitam teatro, museus ou cinema.....	71
Gráfico 54 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que visitam exposições / festas culturais.....	71
Gráfico 55 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que vão a shows musicais.....	72
Gráfico 56 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que vão à danceteria – bailes / Bares com música ao vivo.....	73
Gráfico 57 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que vão a estádios esportivos / Clubes.,.....	73
Gráfico 58 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que fazem viagem de lazer.....	74
Gráfico 59 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que fazem leitura.....	74

Gráfico 60 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que realizam conversas informais com amigos e/ou familiares.....	75
Gráfico 61 – Relação dos pesquisados quanto entendimento dos mesmos sobre a relação entre o adoecimento e a resposta da questão anterior.....	76
Gráfico 62 – Relação dos pesquisados quanto a terem se afastado(a) das atividades escolares em função de desconforto físico ou mental.....	77
Gráfico 63 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: leitura de revistas especializadas em Educação.....	77
Gráfico 64 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: leitura de materiais de estudo.....	78
Gráfico 65 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: leitura de livros não didáticos.....	79
Gráfico 66 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: frequenta biblioteca.....	79
Gráfico 67 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: ouve música.....	80
Gráfico 68 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: pratica artesanato.....	81
Gráfico 69 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: procura ajuda de especialistas da saúde.....	81
Gráfico 70 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: procura ajuda religiosa.....	82
Gráfico 71 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: dialogar com seus colegas de trabalho sobre o que te aflige.....	83
Gráfico 72 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: prática de exercícios físicos.....	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: respostas diversas.....	84
Tabela 2 – Relação dos pesquisados quanto à dupla jornada de trabalho.....	85
Tabela 3 – Relação dos pesquisados quanto à falta de tempo para si mesmo.....	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Percurso Metodológico	18
1. AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NO ÂMBITO DA DOCÊNCIA	21
2. O ADOECIMENTO DO PROFESSOR: Revisão de Literatura (2010 -2020)	28
2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA SOB A PERSPECTIVA DE RELATÓRIOS DE PESQUISAS	29
2.2 – PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: LEVANTAMENTO DE TRABALHOS ACERCA DO ADOECIMENTO DOCENTE	32
3. ENFRENTAMENTO E RESISTÊNCIA	40
3.1 INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	41
3.2 TRABALHO DOCENTE E QUALIDADE DE VIDA	53
3.3 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E RESISTÊNCIA AOS FATORES POTENCIALIZADORES DE ADOECIMENTO RELACIONADOS AO TRABALHO DOCENTE	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa está relacionado às questões sobre o adoecimento do trabalhador da Educação Básica no município de Inhumas / Goiás. A motivação para a realização deste estudo é fruto de minha experiência profissional, na qual pude, por inúmeras vezes, presenciar o adoecimento e por vezes o afastamento de colegas de trabalho apresentando sintomas de adoecimento tanto físicos como emocionais. O que gerou uma inquietação e a necessidade de entender melhor esse processo, não apenas no sentido de entender os motivos pelos quais os docentes adoecem, mas também e, principalmente, desvelar a conjuntura em que emergem os problemas que desencadeiam o desconforto do docente em seu ambiente de trabalho, bem como suas estratégias de enfrentamento e resistência a este processo.

Ao longo dos últimos anos temos visto aumentar os índices de adoecimento de educadores e isso nos levou à escolha desse assunto para que pudéssemos debater sobre a relação deste fato com a organização do trabalho docente. Desse modo, consideramos que o tema também está relacionado ao nosso compromisso como educadora e pesquisadora, com a responsabilidade de dar voz aos educadores que enfrentam e resistem às demandas do trabalho docente.

Para este estudo, adotamos a noção de trabalho a partir de um conceito dinâmico, interligado à forma como a sociedade se organiza para atender o viver das pessoas, cuidando de questões vulneráveis neste campo. Como fagulha para compreensão acerca da possibilidade de resistência ao processo que desencadeia o adoecimento, buscamos em Cruz (2010) e sua reflexão a respeito dos desafios da clínica contemporânea, uma tentativa de entendimento a respeito do enfrentamento, por parte do professor, às demandas de trabalho e suas implicações para a saúde:

Mas ali onde incide o poder sempre se forma uma resistência, como diz Foucault (2003). Resistência em sentido político, mas poderíamos pensar também numa das formas de resistência postuladas por Freud, a resistência do id, a insistência do pulsante, as forças pulsionais da pura intensidade, do que está sempre a exigir trabalho para o psiquismo. Nesse sentido, poderíamos dizer que o sintoma é efeito de uma forma de resistência (...) uma forma de resistência subjetiva e política numa determinada relação de poder (CRUZ, 2010, p. 20).

Pensar o objeto de estudo sob nossa investigação permitiu analisar as contradições entre o que é exigido dos professores e o processo de adoecimento como uma das implicações desencadeadas pelas condições de trabalho e como

forma de enfrentamento a uma certa conjuntura socioeconômica que de forma crescente vem promovendo a desqualificação do trabalho docente. Essa condição perpassa pela precarização traduzida na intensificação do trabalho, nos baixos salários e na ampliação da jornada de trabalho. Associado à esta questão, não se pode ignorar que historicamente a educação foi chamada a contribuir com o desenvolvimento econômico e social das nações e o papel do docente constantemente deslocado no sentido de se adequar às demandas político-econômicas.

Neste contexto, é importante levar em consideração, como alerta Dal Rosso (2008), que a intensificação do trabalho não significa produtividade, uma vez que de um lado temos o aumento de atividades em função de mudanças organizacionais que acabam por consumir energia do trabalhador da educação, levando ao adoecimento; e, por outro, temos a ideia de organização do trabalho como forma de valorização do capital.

Considerando o que foi dito até agora, acreditamos que estudar sobre as condições de trabalho no contexto da educação envolve ir além dos acontecimentos do cotidiano escolar. Existem fatores relevantes com referência à situação organizacional do sistema de ensino e sua relação com um sistema organizacional macro (político, econômico, social e cultural) que devem ser destacados. Entretanto, buscamos como ponto de partida para esta reflexão aquele que diretamente está sendo afetado por toda essa conjuntura, o professor.

Portanto, traçamos como objetivo central desta pesquisa conhecer a percepção de educadores da Educação Básica acerca da relação entre adoecimento e trabalho docente, destacando suas estratégias de enfrentamento e resistência.

Para isso, contextualizamos a organização do trabalho docente frente às mudanças relacionadas à lógica da produtividade; realizamos um estudo teórico a respeito da saúde do professor, situando as proposições a respeito do tema; refletimos a respeito da relação entre o adoecimento e o trabalho docente; identificamos e analisamos as estratégias de enfrentamento e resistência de educadores da Educação Básica frente aos problemas referentes ao trabalho docente, buscando evidenciar os recursos, as formas utilizadas pelos professores para preservar a sua saúde, tendo em vista a relação com o trabalho e as condições a que estão submetidos.

Optamos por direcionar a pesquisa sob a orientação do método dialético com a pretensão de apanhar as contradições nas relações entre trabalho e adoecimento docente, focando na compreensão das condições de trabalho e suas implicações na saúde do docente. Nesse sentido, partimos do seguinte questionamento: que estratégias de enfrentamento e resistência os educadores da Educação Básica utilizam frente à emergência de problemas relacionados à organização do trabalho docente potencializadores do adoecimento?

Partimos do pensamento de que os trabalhadores da educação necessitam de um movimento coletivo que dê conta de reagir contrariamente às demandas que historicamente têm subordinado a educação ao processo de desenvolvimento econômico em detrimento das condições de trabalho e da saúde do docente. Na esteira deste pensamento, acredita-se que a prática educativa é social (FRIGOTTO, 1984) e, portanto, está imersa em contradições que precisam ser desveladas em sua totalidade.

Os fatores em debate acerca da relação entre saúde e doença é histórica e, apesar de não ser o foco desta pesquisa, cabe mencionar a evolução do conceito de saúde, ausência de doença física, para a incorporação de outras dimensões como a emocional e a mental. Atualmente, as polêmicas referentes a esta relação têm rendido uma quantidade significativa de pesquisas. Nesse sentido, percebemos que essa nova percepção de doença tem gerado preocupações com relação à quantidade de diagnósticos entre os trabalhadores da educação.

Percurso Metodológico

Em um primeiro momento optamos por contextualizar o objeto de estudo inserindo-o no campo das investigações existentes. Sendo assim, lançamos mão de uma revisão de literatura, buscando respaldo teórico para a reflexão acerca da saúde do professor, situando as proposições de pesquisadores da área da educação a respeito do tema.

Procuramos evidenciar as publicações acadêmicas referentes à temática, buscando as tendências e ênfases dos pesquisadores, referentes ao adoecimento do professor. Para isso, realizamos uma pesquisa na área de Educação, no período delimitado de 2010 a 2020, com o objetivo de inventariar os trabalhos publicados no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal

de Nível Superior (CTDC/Capes), criado com o intuito de facilitar o acesso às pesquisas no âmbito da pós-graduação, defendidas junto aos diversos programas das universidades brasileiras. Trata-se de um referencial de busca e consulta, por meio eletrônico, de informações bibliográficas das dissertações e teses defendidas em todo o país.

A opção pelo CTDC como campo para a revisão de literatura se deu considerando seu papel na expansão e consolidação da pós-graduação, mestrado e doutorado, com abrangência a todos os estados brasileiros e por se constituir em um instrumento de grande relevância no meio acadêmico, de divulgação do conhecimento científico produzido por pesquisadores brasileiros de todas as áreas.

Esse procedimento se justifica pelo fato de que, ao se falar do aumento do adoecimento dos professores, é necessário encontrar dados que sinalizem que esta afirmativa é verdadeira. As pesquisas localizadas como objeto de estudo confirmaram o discurso do aumento do adoecimento dos professores. Fato que dá elegibilidade à pesquisa a respeito de como se configura este processo no contexto social.

O percurso metodológico envolveu estudo de caso no sentido de que a investigação parte de uma realidade singular para compreender o objeto de estudo, o adoecimento docente, levando em conta as contradições envolvidas neste processo. Os sujeitos da pesquisa foram professores do Município de Inhumas, que atuam na Educação Básica. A escolha se justifica por se tratar de uma realidade bem próxima e para qual se pretende contribuir oferecendo informações que possam encorpar as discussões acerca da profissão docente.

Inhumas é um município situado a uma distância de 45 km da capital do Estado de Goiás e tem uma representatividade na oferta de ensino da Educação Básica ao Ensino Superior, inclusive no campo de formação de professores. Desse modo, se apresenta como um espaço relevante para a pesquisa, cujos resultados apresentamos ao longo desta pesquisa.

Para o levantamento de dados junto aos professores optamos pelo questionário, buscando informações quanto às características deste grupo, suas percepções quanto à profissão e as condições de trabalho e se, de alguma forma, realizam certas atividades com intuito de amenizar o *stress* provocado pela intensificação do trabalho. Quando optamos pelo questionário *online / Google Form*, levamos em consideração o momento pandêmico, desencadeado pelo novo

coronavírus, o SARS-CoV-2, responsável por causar a doença Covid-19, que exigiu um movimento global de isolamento social como forma de evitar a propagação do vírus.

Contemplando esse momento de isolamento e a organização do ensino em todas as escolas brasileiras para que o trabalho educativo não fosse interrompido, considerou-se necessário abordar, de forma emblemática, algumas pesquisas que fizeram a análise acerca do adoecimento docente, fazendo referência a este momento específico.

O trabalho foi organizado em três capítulos. No primeiro, o objetivo foi contextualizar a organização do trabalho docente frente às mudanças relacionadas à lógica da produtividade, fazendo uma reflexão a respeito da relação entre o adoecimento e o trabalho do professor.

No segundo capítulo apresentamos o resultado da revisão de literatura realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC) num processo de análise da produção científica no âmbito da pós-graduação, nas áreas de Educação. Nesse sentido, buscamos identificar as tendências e ênfases relacionadas ao adoecimento do educador: estratégias de enfrentamento e resistência.

O terceiro capítulo traz uma reflexão a respeito das estratégias de enfrentamento e resistência de educadores da Educação Básica frente aos problemas referentes ao trabalho docente e o resultado da pesquisa realizada com professores do Município de Inhumas.

Nas considerações finais retomamos os objetivos da investigação e os argumentos teóricos utilizados para pensar o objeto de estudo com o intuito de pontuar os resultados encontrados e analisados como resposta ao questionamento inicial.

1. AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NO ÂMBITO DA DOCÊNCIA

O objetivo deste capítulo é contextualizar a organização do trabalho educativo frente às mudanças relacionadas à lógica da produtividade, fazendo uma reflexão a respeito da relação entre o adoecimento e o trabalho docente.

Pensar as condições de trabalho dos docentes requer a apreensão da relação dialética entre educação e a conjuntura socioeconômica de base neoliberal, cujas características deflagaram um processo de precarização que converge para a desvalorização da docência e conseqüentemente pode, por vezes, em função da intensificação das atividades de docência, levar ao adoecimento.

A configuração atual do exercício da docência pode ser entendida na esteira de mudanças que ocorreram ao longo da história no que se refere à compreensão do papel do trabalho para o desenvolvimento da sociedade. Um processo histórico que vai desde a compreensão de trabalho como forma de sobrevivência, na pré-história; na Idade Média com o trabalho escravo; mais adiante o trabalho insalubre na Revolução Industrial; e, hoje a intensificação do trabalho em função do capitalismo nos moldes do neoliberalismo.

No capítulo V de *O Capital*, Marx (2013) define o processo de trabalho como uma atividade dirigida com o fim de criar valores de uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas. Segundo o autor, o trabalho é condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas.

No entanto, na sociedade capitalista, o trabalho é propriedade do capitalista e meio de subsistência do trabalhador, e, é nesse trabalho - trabalho assalariado, que o professor exerce sua atividade sobre os ditames do capitalismo.

Sob essa lógica, o desenvolvimento econômico norteia todas as ações políticas e sociais em um movimento em que se fomenta maior liberdade econômica

por meio do incentivo à competitividade, pouca intervenção do estado no controle do mundo do trabalho, o que gera pouco investimento social. Neste contexto, o trabalhador perde estabilidade e direitos ao mesmo tempo em que é incentivado a lutar por suas conquistas.

Sob o neoliberalismo, a ordem do mercado aparece para o sujeito como o palco da realização de uma série de valores, sob a condição de que ele participe do jogo da concorrência e otimize suas capacidades competitivas. [...] Embora essa nova mentalidade resulte em sofrimento para os sujeitos, carregados de expectativas, deslocados de suas condições objetivas e totalmente responsabilizados por seus fracassos, ela é capaz de mobilizar afetos e ganhar adesão social (FRANCO et al., 2020, p. 71).

Sob esta lógica, o trabalho docente é exaltado como uma profissão que exige competências que lhe permitam atuar em um campo cada vez mais amplo e distante daquilo que pode receber como formação para a docência. As reformas educacionais sob a égide da produtividade mudaram o pensamento sobre o trabalho docente, trazendo regulamentações cada vez mais exigentes atreladas à obrigação de resultados e controle rígido das atividades escolares. Uma contradição nasce a partir dessa racionalidade e, ao mesmo tempo em que assistimos à precarização do trabalho docente, crescem as exigências com relação à função do docente no atendimento ao desenvolvimento do mercado.

Perda de direitos, aumento da jornada de trabalho, baixos salários, uma carga de atividades que vai além da sala de aula, citando apenas algumas das condições que retratam a intensificação do trabalho docente, transformam a docência em uma atividade pesada e, conseqüentemente, pode levar ao adoecimento. Polonial (2017) faz uma reflexão sobre esse processo de intensificação do trabalho docente chamando a atenção para a ideia de trabalho docente como sofrimento e de forma bem ilustrativa destaca o aumento da carga horária do docente como um condicionante desta intensificação e como condição que pode levar ao adoecimento.

O aumento da carga horária de trabalho contribuiu para intensificar a atividade profissional, mas não melhorou a qualidade do produto final. As políticas públicas, mais preocupadas com números, expandiram o ensino e com isso, seja na sala de aula ou na produção acadêmica, comprometeram a qualidade da educação, porque o professor, sobrecarregado, executa as suas atividades sempre no limite das suas forças físicas, por isso também, o seu maior adoecimento (POLONIAL, 2017, p. 206).

Diante das cobranças e sob a concepção de que é o responsável único pelo sucesso na execução das tarefas pedagógicas de forma satisfatória, o que lhe é imposto pela profissão, o docente se vê diante de um impasse no qual suas

atividades são executadas de maneira mecânica, sem investimento pedagógico criativo, uma condição que configura o trabalho docente “[...] não como uma atividade criativa, portanto alienada” (POLONIAL, 2017, p. 206).

De acordo com Dal Rosso (2008), considera-se intensificação do trabalho os processos que resultam em maior dispêndio das capacidades físicas, cognitivas e emotivas do trabalhador com o objetivo de elevar quantitativamente ou melhorar qualitativamente os resultados. “O que significa mais trabalho, mais desgaste, menos direitos” (DAL ROSSO, 2008, p. 70).

O trabalho docente, como parte do trabalho em geral, vem sofrendo com a intensificação e a precarização em diversos aspectos, assim como com a perda de direitos historicamente conquistados, a fragmentação da carreira e as próprias condições de ensino. Isto porque, muitas vezes, os docentes não possuem locais de trabalho adequados, nem materiais disponíveis para o bom desenvolvimento de suas aulas. Cabe destacar que o trabalho docente envolve,

[...] elementos típicos do desgaste físico, como também os decorrentes da pressão por mais resultados. Um bom número das consequências das condições do trabalho sobre os professores não apresenta um quadro diferente dos tradicionais problemas sentidos pelos trabalhadores do ramo. Entre estes, podemos citar os problemas de alergia a giz, os problemas de garganta, rouquidão e nódulos nas cordas vocais. Outro conjunto de sintomas declarados, no entanto, revela o efeito do trabalho intelectual prolongado, típico do perfil das doenças decorrentes do trabalho submetido a forte pressão por resultados, com atribuições de responsabilidades, com altos graus de flexibilidade e versatilidade. Entre eles, estão o estresse, as gastrites crônicas e as lesões por esforços repetitivos (DAL ROSSO, 2008, p. 86).

Conforme as considerações desse autor, as condições de trabalho, ou seja, as circunstâncias sob as quais os docentes mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar podem gerar um sobre-esforço ou hiper solicitação de suas funções psicofisiológicas. Se não há tempo para a recuperação, são desencadeados ou precipitados os sintomas clínicos que explicariam os índices de afastamento do trabalho por transtornos mentais.

Aqui voltamos àquela ideia de que um quadro sintomático pode ser revelador de um movimento de resistência a toda essa conjuntura que torna o trabalho docente uma atividade potencializadora do adoecimento. O que nos faz questionar se já não existe um processo de resistência em curso, quando o docente demonstra desconforto físico ou emocional no ambiente de trabalho e solicita o afastamento (CRUZ, 2010).

A educação sempre foi vista como a possibilidade de mobilidade social, que pode contribuir para diminuir as diferenças sociais. Com essa perspectiva, diversas políticas educacionais desenvolvidas após a década de 1990, principalmente após a publicação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9394/96), tem sobrecarregado o trabalho do professor, situação explicitada, por exemplo, no aumento de 180 para 200 dias letivos. Esse quadro foi intensificado com a introdução das novas tecnologias também no campo educacional. O professor agora trabalha em tempo integral e quando afirmamos isso, incluímos os momentos de folga e lazer, quando o docente, com o seu computador, está sempre resolvendo alguma questão da sua atividade profissional (POLONIAL, 2013, p. 35).

O trabalho do professor é transformado cada vez que ele tem que atender de maneira rápida e eficiente às demandas do mundo do trabalho. Essa submissão do processo educativo a organismos unilaterais e políticas públicas que visam apenas o lucro e a mão de obra qualificada, compromete a missão fundamental da educação que é o desenvolvimento das capacidades mentais do ser humano.

De acordo com Santos e Rosa (2015), as reformas de Estado que ocorreram em nosso país nas últimas décadas são parte de um movimento geral de ordem econômico-política marcado pela mundialização do capital, reestruturação produtiva e adoção das diretrizes neoliberais. E, é neste cenário que os organismos multilaterais de crédito e financiamento como Banco Mundial (BM), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) passam a interferir diretamente sobre as políticas sociais nos países em processo de desenvolvimento econômico e social.

Concomitante às mudanças ocasionadas pelas interferências dos organismos multilaterais, observamos a formulação de políticas públicas e educacionais. Nesse sentido, a mudança no papel do docente traz também uma carga significativa ligada a fatores como a evolução e a transformação no conceito de família, a transmissão de conhecimentos por meio de variadas fontes paralelas de informação e cultura; e, ainda, a definição de que a função do professor é apenas transmitir conhecimentos sem questionar.

Quanto aos aspectos que potencializam o estresse no trabalho docente Benevides (2003) cita baixos salários, escassos recursos materiais e didáticos, classes superlotadas, tensão na relação com alunos, excesso de carga horária.

O estado atual em que se encontra o trabalho na escola e, em particular, o trabalho dos docentes, tem chamado a atenção devido ao aumento de adoecimento e afastamento desses profissionais. Porém, mais do que pontuar as dificuldades desencadeadas pelas condições de trabalho, que possivelmente têm levado ao adoecimento, pretende-se levantar a questão sobre o enfrentamento e a resistência, individual ou coletiva, que os trabalhadores da educação realizam ou podem realizar no sentido de resgatar o valor da docência e sua função criadora.

Segundo Mészáros (2008, p. 25):

Poucos negariam hoje que os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados. Conseqüentemente, uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança.

Ainda conforme esse autor, é preciso compreender a educação como um processo de criação, sinalizando um possível caminho de resistência que seja coletivo, rumo a um mundo possível, afirmando que “[...] pensar a sociedade tendo como base o ser humano, exige que a lógica desumanizadora do capital, pautada no individualismo, lucro e competição seja superada” (MÉSZÁROS, 2008, p. 194).

Estamos na contramão da proposição deste autor se observarmos que nos últimos anos, mais do que nunca, as políticas educacionais estão comprometidas com o mercado. Segundo Esteve (1999) as responsabilidades e exigências que se projetam sobre os educadores têm aumentado, coincidindo com um processo histórico de uma rápida transformação do contexto social, o qual tem sido traduzido em uma modificação do papel do docente. E, no contexto das políticas que visam a educação para todos, podemos perceber que a defasagem das condições de trabalho em face das metas traçadas e, efetivamente alcançadas, acabam gerando um sobre-esforço dos professores em seu trabalho. Nesse sentido, para Sader,

No reino do capital, a educação é, uma mercadoria. Daí a crise do sistema público de ensino, pressionado pelas demandas do capital e pelo esmagamento dos cortes de recursos dos orçamentos públicos. Talvez nada exemplifique melhor o universo instaurado pelo neoliberalismo, em que “tudo se vende, tudo se compra”, “tudo tem preço”, do que a mercantilização da educação. Uma sociedade que impede a emancipação só pode transformar os espaços educacionais em *shopping centers*, funcionais à sua lógica do consumo e do lucro (SADER, 2008, p. 16).

A remuneração do professor há anos tem sido alvo de críticas e estudos no Brasil. E, mediante à crise sanitária provocada pela Covid-19 houve uma perda

salarial ainda maior para a categoria. Isto devido a diversos motivos, dentre os quais se destaca que uma das primeiras medidas do então presidente foi propor o congelamento de salários dos servidores públicos mediante a lei nº 173 de maio de 2021. Esta proposta passou pela câmara dos deputados e senado e acabou aprovada fazendo com que os salários, já baixos, dos professores passassem por um processo de congelamento, permanecendo, desse modo, sem reajustes anuais de acordo com o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) e nem seus reajustes relacionados ao plano de carreira municipais ou estaduais até 31 de dezembro de 2021.

A falta de valorização do professor é evidente no Brasil, pois segundo informações divulgadas pela Fundação Educacional Varkey Gems, entre 21 países, o Brasil está em penúltimo lugar no que se refere à valorização de professores. Isso levando em consideração: o salário, a carga horária, o respeito do aluno ao professor. Tudo isso reflete no interesse pela profissão (IDOETA, 2013).

A cidade de Inhumas- Goiás onde esse estudo foi realizado é um polo estudantil universitário. A cidade conta com duas universidades Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Universidade Paulista (UNIP); uma faculdade, FacMais; e, ainda, um Instituto Federal de Goiás (IFG). Em todas essas instituições são oferecidos cursos de licenciatura; no entanto, a procura pelos cursos de licenciatura tem diminuído significativamente; a ponto do Governador do Estado de Goiás propor o fechamento do polo da UEG de Inhumas devido à baixa procura dos estudantes.

A esse respeito, em sua pesquisa Justino (2015) enfatiza que apesar da ampliação do número de vagas na Educação Superior, há uma queda na procura por cursos de licenciatura e, muitos dos que concluem não têm como meta atuar na sala de aula. Além disso, a pesquisa de Justino (2015) constatou que as licenciaturas, muitas vezes, servem como porta de entrada na universidade para quem deseja, eventualmente, pedir transferência para outro curso. Esses dados podem ser percebidos desde a quantidade de matrículas e concluintes até as altas taxas de evasão na Educação Superior, tanto no setor público quanto no privado. Outra pesquisa relata que somente 5% dos melhores estudantes que se formam no Ensino Médio desejam seguir a carreira docente (TAKAHASHI, 2008)

Mediante a isso quem serão os novos profissionais da educação? Como teremos bons profissionais para seguirem as carreiras da docência? Há que se

pensar em mudanças a respeito da valorização do professor não apenas para que este não adoça, mas também para que esta carreira seja atrativa para os profissionais do futuro. No entanto, percebemos que esses aspectos não dizem respeito às preocupações de nossos governantes.

Há que se melhorar a saúde do professor. Como isso pode ser feito? Por meio de pesquisas que mostrem as realidades exaustivas a que estes profissionais estão sendo submetidos, cargas horárias excessivas em busca de salários melhores, condições insalubres de trabalhos e a crescente intensificação do trabalho docente. Nesse sentido, é necessário a amplificação de representantes nas esferas políticas para que possam elaborar políticas públicas para a valorização do professor.

Desse modo, pensando o adoecimento docente bem como no necessário processo de enfrentamento e resistência aos processos controladores e alienantes no contexto da docência impostos pela lógica da produtividade, acredita-se na perspectiva de Mészáros (2008, p. 59) que “mudar essas condições exige uma intervenção consciente em todos os domínios e em todos os níveis da nossa existência individual e social”.

O trabalho é fator determinante na saúde do trabalhador e quando este é fruto de desvalorização e desgaste físico e emocional ele passa a ser fonte de desprazer e vergonha.

Diante disso, no capítulo subsequente veremos o que os pesquisadores na última década têm pesquisado a respeito da saúde do professor no Brasil.

2. O ADOECIMENTO DO PROFESSOR: Revisão de Literatura (2010 -2020)

Neste capítulo apresentamos, inicialmente, uma breve reflexão a partir de relatórios de pesquisa acerca dos impactos da pandemia no trabalho docente. Para isso, nos valem de pesquisas realizadas em grandes universidades, como Universidade de São Paulo e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Essas pesquisas tiveram uma participação de docentes de nível superior e básico, levando em consideração os professores do Instituto Federal de São Paulo.

Em seguida, apresentamos o resultado da pesquisa bibliográfica feita no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC). Nesta parte da pesquisa, consideramos as publicações do período de 2010 a 2020, com a finalidade de inventariar a produção científica no âmbito da pós-graduação, nas áreas de Educação e Saúde, buscando identificar qual o caminho os estudiosos estão traçando para estudar este tema. Este procedimento se justifica por representar um primeiro contato com o nosso objeto de estudo, com vistas a construir uma contextualização para os problemas aqui levantados, inserindo-o no campo das investigações existentes.

Conforme Alves-Mazzoti (1998):

A produção do conhecimento não é um empreendimento isolado. É uma construção coletiva da comunidade científica, um processo continuado de busca, no qual cada nova investigação se insere, complementando ou contestando contribuições anteriormente dadas ao estudo do tema (ALVES-MAZZOTI, 1998, p. 180).

Questões envolvendo a temática do adoecimento dos professores são estudadas em diversas áreas do conhecimento e despertam a atenção de pesquisadores em âmbito mundial. Portanto, existe uma densa produção de

pesquisas que fornecem bases para uma construção coletiva de saberes referentes a este assunto, principalmente aquelas que enfatizam a *Síndrome de Burnout*¹.

Apesar da Síndrome de Burnout não ser o objeto de estudo desta pesquisa, consideramos importante referenciar trabalhos que se propuseram a fazer levantamentos da produção acadêmica e se tornaram pontos fundamentais na construção de saberes quanto a este assunto. Isto porque, os termos Síndrome de Burnout e adoecimento do educador são objetos interligados, geralmente utilizados de forma equivocada como sinônimos para referenciar o adoecimento do educador, posto que esse adoecimento não necessariamente seja consequência da Síndrome de Burnout.

As mudanças que têm ocorrido em relação à função do professor, como a fragmentação do seu trabalho e a complexidade das demandas que lhe são impostas, coincidem com um processo histórico de rápida transformação do contexto social, econômico, político e cultural vivenciado pelo capitalismo (LEÓN, 2011).

Em função desse aumento das responsabilidades e exigências que são impostas ao profissional de modo que ele precise apresentar além de suas competências pedagógicas, habilidades sociais e emocionais podendo afetar a sua saúde.

A profissão docente é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como uma das mais estressantes, pois ensinar se tornou uma atividade desgastante, com repercussões evidentes na saúde física, mental e no desempenho profissional (REIS et al., 2006).

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA SOB A PERSPECTIVA DE RELATÓRIOS DE PESQUISAS

Quando iniciamos essa pesquisa ainda não havia a pandemia pelo Covid -19. Com essa crise sanitária e o isolamento social, essas exigências emocionais deram um salto já que o trabalho foi levado para o seio familiar dos professores. Nesse

¹ Segundo o Ministério da Saúde a Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. Esta síndrome é comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com responsabilidades constantes, como médicos, enfermeiros, professores, policiais, jornalistas, dentre outros. Traduzindo do inglês, "burn" quer dizer queima e "out" exterior.

cenário, o que vimos foram esses profissionais tendo que dividir suas casas, celulares e sua intimidade com pais, alunos, coordenadores e demais atores da rede de ensino a que estão vinculados. Pesquisas apontam que esse novo processo utilizado para minimizar os danos causados pela necessidade de isolamento social, passou a tomar todo o tempo do docente.

Sobre esse adoecimento, a Associação de Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP, 2020) publicou uma pesquisa sobre as condições de trabalho durante a pandemia por meio da aplicação de um questionário direcionado à categoria docente. O questionário foi disponibilizado em plataforma específica de 8 a 20 de julho de 2020 para avaliar o impacto da pandemia no trabalho acadêmico. Essa pesquisa contou com a participação de 675 professora(e)s de 46 unidades da Universidade de São Paulo (USP).

Com este novo modelo de aulas - Regime Especial de Aulas não Presenciais (REANP) o espaço de trabalho se deslocou para casa dos professores. Conforme a pesquisa, dentre os problemas mais comuns apontados pelos professores são o barulho e a presença de outras pessoas. A maioria dos entrevistados aponta algum problema quanto ao local onde atualmente realizam suas tarefas.

Entre os homens, apenas 13% afirmam não haver problemas relevantes. Essa proporção é ainda menor entre as mulheres (10%). Assim, constata-se que as mulheres estão mais sobrecarregadas e têm piores condições de trabalho no período da pandemia; provavelmente por conta da tripla jornada de trabalho (universidade, família e afazeres domésticos) que já tinham que realizar antes da pandemia, mas de forma mais compartimentada e organizada. A partir da necessidade de isolamento social, essas jornadas se tornaram mais intensas e passaram a disputar o mesmo espaço: o da residência.

Outra questão importante apontada pela pesquisa é a falta de preparação para ensinar nesta nova modalidade não presencial: a maior parte da(o)s docentes se veem medianamente preparada(o)s para o ensino não presencial no segundo semestre de 2020. A maioria (cerca de 56%) dos respondentes esclarecem que pararam parcialmente suas atividades de pesquisa e se sentem medianamente preparada(o)s para dar continuidade a elas neste segundo semestre. Outros 16% pararam completamente. Nesse item, é importante notar que os homens se sentem um pouco mais preparados que as mulheres; uma das hipóteses que eles conseguiram equacionar melhor as tarefas da universidade e da vida privada, o que

vem novamente indicar a sobrecarga para as mulheres proveniente do trabalho familiar e doméstico, o que é reforçado pela maior dificuldade em atingir os objetivos traçados. Cerca de 50% da(o)s docentes consideram em suas respostas que conseguirão atingir parcialmente seus objetivos. Dentre os problemas apontados nas respostas, questões como insegurança, desmotivação, vergonha – por se sentirem fraudando a educação de fato –, esgotamento mental e físico, isolamento social, constatação de desamparo por parte da instituição.

As pesquisadoras Souza e Souza (2020) publicaram um relatório da pesquisa sobre condições de trabalho no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) em tempos de Covid-19 desenvolvida pelo Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica Seção Sindical São Paulo (SINASEFE-SP). A pesquisa aponta que apenas 25 (27%) dos professores e professoras (dentre 94) escreveram sobre sua situação socioemocional. A maioria aponta para as ambiguidades da situação de isolamento social no contexto da pandemia de Covid-19. Todos identificam que o momento é de incertezas face ao futuro. A maioria dos professores e professoras vivenciam o isolamento social ora como proteção ora como vulnerabilidade. Os sentimentos elencados pelos professores nesta pesquisa, como vulnerabilidade e incertezas geram novos problemas: angústias, estresse, ansiedade, insegurança, cansaço físico e mental. Conforme o relatório, os professores apresentam preocupações em relação às condições nas quais devem trabalhar com o fim do isolamento social e o retorno às atividades presenciais. A maioria acredita que o retorno vai exigir um ritmo de trabalho ainda mais intenso para tentar sanar os problemas causados pelo isolamento do ponto de vista da aprendizagem dos alunos. Três docentes têm vivenciado situações de dificuldades financeiras pela perda do emprego por membro da família. Mas há docentes que compreendem o isolamento social como muito positivo para as relações afetivas, para o cuidado com si próprio.

Ainda no sentido de apresentar pesquisas e relatórios de pesquisa acerca das condições de trabalho de professores durante a pandemia, a Associação de Docentes da Unicamp (ADunicamp) publicou o Relatório sobre Condições de Trabalho Remoto Docente na Unicamp no Contexto da Pandemia de covid-19. Para esta pesquisa, 400 docentes responderam ao questionário, representando uma amostra ampla (21,4%) do universo da Unicamp – composto atualmente por 1867 professores/as – em suas distintas unidades. Ao todo, foram mais de 900

comentários nas respostas abertas. Responderam docentes das carreiras do Magistério Superior (MS), Magistério Artístico (MA), Magistério Secundário Técnico (MST), Magistério Técnico Superior (MTS) e Docente em Ensino de Línguas (DEL).

Sobre as condições domésticas no contexto da pandemia, o relatório apontou que 32,8% das/os docentes vivem com pessoas do grupo de risco e quase metade (48,3%) compartilham tarefas de cuidado, auxiliando outras pessoas da casa. Moram sozinhos, 15,6% das/os docentes, e dos 84,4% que moram com outras pessoas, a maioria reside com mais uma (35,6%) ou duas (30,2%) pessoas. Em relação ao trabalho doméstico, 17,8% informa não ter apoio. Entre os que têm apoio, a maior parcela (39,3% do total) acredita dividir igualmente as tarefas, enquanto 17% do total afirma exercer a maior parte das atividades.

Esses relatórios mostram que houve uma sobrecarga de trabalho, bem como a intensificação de problemas causados pela ansiedade nos professores. Problemas esses que não são novos para essa classe trabalhadora, conforme vemos na pesquisa bibliográfica que apresentamos a seguir.

2.2 – PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: LEVANTAMENTO DE TRABALHOS ACERCA DO ADOECIMENTO DOCENTE

O processo de busca bibliográfica foi realizado em junho de 2020 e atualizado em março de 2021. Para isso, realizamos buscas na base de dados Portal de Periódicos da Capes (CTDC). Analisamos artigos completos e de acesso gratuito publicados entre 2010 e 2020.

Este catálogo faz parte do Portal de Periódicos da Capes/MEC e foi criado no ano de 2001 com o intuito de facilitar o acesso às pesquisas no âmbito da pós-graduação, defendidas junto aos diversos programas das universidades brasileiras, constituindo-se em uma ferramenta referencial de busca e consulta, por meio eletrônico, de informações bibliográficas das dissertações e teses defendidas em todo o país.

A opção pelo catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) se deu considerando seu papel na expansão e consolidação da pós-graduação, mestrado e doutorado, com abrangência a todos os estados brasileiros e, por se constituir em um instrumento de

grande relevância no meio acadêmico, de divulgação do conhecimento científico produzido por pesquisadores brasileiros de todas as áreas.

Foram incluídos nesta revisão todos os artigos produzidos com base em pesquisas empíricas analisados por pares que tivessem como objetivo, investigar o adoecimento do educador brasileiro, seu trabalho e seu enfrentamento e resistência, publicados no intervalo dos últimos dez anos (2010 a 2020) em língua portuguesa e que estivessem disponíveis *online* na forma íntegra e gratuita.

Para filtrar os trabalhos, utilizamos os descritores: Trabalho Docente; Adoecimento; Resistência e Enfrentamento. Em seguida, realizamos a leitura dos resumos e objetivos de cada trabalho encontrado que estivesse em Língua Portuguesa; o que resultou em um total de 9 publicações.

Em nossas análises, pudemos perceber que nenhuma das publicações tem o mesmo enfoque que o nosso, uma vez que esse trabalho é a respeito do adoecimento do professor e as estratégias de enfrentamento e resistência da educação básica. Apenas dois artigos contemplavam o adoecimento dos docentes do ensino superior. Os demais estudos contemplam a resistência e enfrentamento por parte do trabalho das prostitutas; a resistência e o enfrentamento por parte dos imigrantes japoneses; a precarização do trabalho em saúde determinado pela infraestrutura física deficiente, quantidade e qualidade de material insatisfatório nos postos de saúde; reflexões sobre o subsídio de deficiência – um benefício para pessoas com deficiência que não podem trabalhar da Cidade do Cabo e arredores em 2018; sobre as violências enfrentadas por indígenas e quilombolas mulheres/mulheres em situação de violência.

Após termos realizado uma primeira busca a partir dos descritores já mencionados e perceber que a pesquisa não abarcou o tema deste estudo resolvemos mudar os descritores para: adoecimento e docência. Nossa intenção foi conseguir identificar trabalhos relacionados ao tema sobre o qual tratamos nesta pesquisa. Inicialmente apareceram um total de 89 publicações. Em seguida, como filtro de busca, delimitamos os anos de 2010 a 2020, pesquisados por pares e escritos em Língua Portuguesa; e, desse modo, o quantitativo de publicações encontradas passou para 43. Destas, apenas 16 publicações abarcaram o tema da nossa pesquisa.

É importante ressaltar que a expansão de programas de pós-graduação, bem como da ampliação das publicações por meios eletrônicos das últimas décadas,

possibilitou o acesso a pesquisas científicas nas mais diversas áreas do conhecimento. Toda essa produção viabiliza o acesso ao conhecimento por pesquisadores e, no âmbito da educação, tem proporcionado a ampliação das pesquisas.

Por isso, estudos dessa natureza são imprescindíveis ao objetivo de apreender a amplitude da produção e suas implicações com as práticas sociais. Sendo assim, tem sido uma prática recorrente nos programas de pós graduação, esse levantamento dos trabalhos produzidos para que se possa traçar um paralelo e verificar o diferencial de cada pesquisa produzida. Segundo Soares (1989, p. 4),

[...] no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita a indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições e a determinação de lacunas ou vieses.

Ainda sobre a importância destas pesquisas, Magalhães e Souza (2012, p. 670) pontuam que:

Estudos que analisam a produção acadêmica desenvolvida por docentes e pesquisadores vêm ocorrendo com certa frequência nas universidades brasileiras. Esses trabalhos, para Larocca, Rosso e Souza (2005), têm sido desenvolvidos a partir de um processo metaanalítico da produção existente, contribuindo significativamente para analisar os processos adotados na produção do conhecimento. São relevantes os estudos avaliativos, sobretudo para os próprios Programas de Pós-Graduação, por permitirem a crítica do conhecimento produzido, apontando aspectos positivos e/ou negativos e por investirem na melhoria da produção.

A pesquisa de Sales e Freitas (2018) teve como foco compreender o processo de adoecimento relacionado ao exercício da docência na rede pública de Ensino Fundamental e Médio no município de São Miguel das Matas, Bahia, Brasil. Tratou-se de uma abordagem qualitativa com entrevistas narrativas. As autoras destacaram quatro categorias temáticas: Dor crônica, voz do docente, queixas psíquicas e interferências dos problemas de saúde na vida pessoal e social.

Rozendo e Dias (2015) mostraram o trabalho docente e seus processos de adoecimento no âmbito laboral. Os autores analisaram o sofrimento psíquico de professores universitários das licenciaturas, buscando destacar aspectos que compõem seu ambiente de trabalho. Especificamente, verificaram a concepção que professores do curso de licenciatura em Pedagogia têm sobre a docência; identificaram as características do ambiente de trabalho dos professores

universitários; investigaram a saúde física e mental destes profissionais. Com abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, a metodologia desta pesquisa envolveu a coleta de dados por meio de questionário e entrevista semiestruturada com quatorze professores do curso de licenciatura em Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior particular do estado de São Paulo. A análise organizou-se por eixos e categorias. Os resultados revelaram que aspectos do ambiente laboral acadêmico podem repercutir em sofrimento psíquico e produzir efeitos negativos na saúde dos professores universitários.

A pesquisa de Penteado e Souza Neto (2019) teve como objetivo apresentar uma análise crítica sobre o mal-estar, sofrimento e adoecimento docente relacionados à história do trabalho docente, às formas de atuação nessa ocupação e à cultura do magistério. A metodologia utilizada pelos autores envolveu uma revisão narrativa da literatura de 12 publicações selecionadas para identificar os principais aspectos atribuídos às questões epidemiológicas, naturalização do problema no ensino, políticas públicas, organização do trabalho docente e identidade profissional. Conforme os autores, a discussão buscou evidenciar as formas de visibilidade e invisibilidade dessa questão no cenário socioeducativo brasileiro com foco no trabalho e formação docente e na cultura de ensino a partir das percepções de Tardif (2012) sobre as 'idades de docência'.

Esse estudo se propôs, ainda, a mostrar como o mal-estar do professor, o sofrimento e o adoecimento podem expressar narrativas coletivas de professores caracterizadas pela vocação e socialização profissional por meio da feminização – e como as dimensões sociais, históricas e culturais do trabalho docente podem afetar as formas coletivas de perceber e cuidar do corpo e da saúde e causar adoecimento. Por fim, os autores destacaram o desafio de considerar o corpo / saúde / bem-estar na cultura da docência como elementos que sustentam o desenvolvimento profissional e a profissionalização da profissão docente.

Na pesquisa desenvolvida por Souza et al (2017) o principal objetivo foi analisar a nova organização do trabalho dos professores universitários, estabelecendo uma relação com o panorama de saúde desses trabalhadores partindo do pressuposto segundo o qual a precarização do trabalho nas universidades públicas vem gerando repercussões na saúde dos docentes da educação superior. Nesse sentido, os autores realizaram um estudo qualitativo de caráter exploratório por meio de pesquisa bibliográfica em bases de dados

indexadas. Como método de análise, lançaram mão da análise temática, chegando a quatro categorias empíricas, sendo elas: precarização do trabalho docente; intensificação laboral; aspectos da organização do trabalho docente em universidade; e, dados sobre a saúde dos docentes universitários. Por meio desta pesquisa, os autores verificaram que no cenário das universidades predomina-se o uso de fortes pressões organizacionais e como consequência produz-se a intensificação do trabalho com destaque para a questão do aumento da exigência de produtividade acadêmica. Souza et al (2017) constataram que o tema da sobrecarga de trabalho do professor é recorrente e prevalece a ideia de menor disponibilidade de tempo para o lazer. Além disso, a pesquisa confirmou o imperativo da resistência coletiva organizada de maneira a se modificar o quadro de precarização do trabalho do professor.

Ferreira e Silva (2013) se propuseram por meio da pesquisa a refletir sobre de que maneira a agenda de atividades no mundo acadêmico tem levado docentes do ensino público superior ao adoecimento. A análise fundamentou-se em informações colhidas por meio de questionário respondido por 98 professores de uma universidade pública federal e em entrevistas com 18 deles. Os resultados apontam que a procura de ajuda médica e/ou psicológica é mais frequente entre docentes de programas de pós-graduação, principalmente entre mulheres com maior número de orientandos. A pesquisa indicou, ainda, que a diversidade de atividades – quase todas obrigatórias, delimitadas e consideradas parâmetros de avaliação do desempenho acadêmico individual e coletivo – que parece levar muitos desses professores ao sofrimento e ao adoecimento.

Gomes; Medeiros e Teixeira (2016) investigaram a percepção dos aspectos ambientais e psicossociais do trabalho de professores de escolas públicas de ensino fundamental e relacionaram aos sintomas de desconforto vocal. Os aportes metodológicos escolhidos pelos autores foram: estudo transversal com amostra probabilística de professores de escolas municipais. Participaram do estudo 90 indivíduos (18 homens e 72 mulheres) distribuídos nas faixas etárias de 24 a 65 anos. O instrumento de investigação foi um questionário com 40 questões composto por 5 blocos de perguntas. Foram realizadas: análise descritiva e análise de regressão linear uni e multivariada para verificar as associações entre o número de sintomas vocais e as condições de trabalho dos professores. Os resultados apontaram que:

Aproximadamente um terço dos professores (34,4%) relataram a presença dos 8 sintomas vocais (media=5,6/DP=2,4). Com relação as características do ambiente de trabalho, a maior parte dos docentes refere ruído elevado ou insuportável como competição sonora ao uso da voz, sendo (43,3%) da sala de aula, e (41,1%) da escola. Quanto aos aspectos psicossociais do trabalho 54,4% dos professores relatou baixa demanda psicológica e 55,6% baixo suporte social. No modelo multivariado final, a variável que apresentou associação com número de sintomas foi o ruído dentro da sala de aula. Conclusão: professores de ensino fundamental apresentam elevado número de sintomas de desconforto vocal (GOMES; MEDEIROS e TEIXEIRA, 2016, p. 167).

No trabalho de Brasil et al (2016) os autores buscaram identificar as causas do sofrimento psíquico de professoras do ensino fundamental. O método utilizado foi estudo qualitativo. A pesquisa foi desenvolvida entre dezembro de 2013 e junho de 2014, em Fortaleza, Ceará, Brasil. Os dados foram obtidos por meio de três grupos nos quais se dividiram 26 professoras de 19 escolas. Para a categorização e a interpretação desses dados os autores realizaram, respectivamente, a análise de conteúdo na modalidade temática e o interacionismo simbólico. Os autores identificaram as causas para o sofrimento psíquico no contexto da docência reunidas em três temáticas: fatores ambientais; fatores institucionais; e, relações sociais e interpessoais. Os problemas apontados pelas docentes interferem direta ou indiretamente sobre sua saúde mental, causando estresse, angústia, depressão ou desmotivação com o exercício profissional. A conclusão, conforme os autores, foi que as temáticas apontadas pelas participantes revelaram que a sobrecarga de trabalho, o ambiente inadequado, a agressividade das crianças, o individualismo de colegas, a falta de estrutura da escola e as pressões institucionais são causas do sofrimento psíquico.

Koetz, Rempel e Périco (2013) publicaram um trabalho intitulado – Qualidade de vida de professores de Instituições de Ensino Superior Comunitárias do Rio Grande do Sul. Essa pesquisa foi desenvolvida com professores de instituições de ensino superior comunitárias não confessionais, que tivessem mais de 40 anos de atuação e com mais de dez mil alunos no Rio Grande do Sul. A pesquisa apresentou um perfil quali-quantitativo e de corte transversal. Conforme os autores, a coleta de dados foi feita em agosto e setembro de 2011 por meio de um questionário de perfil profissional e do questionário WHOQOL-bref.

Participaram 203 professores, perfazendo 17% do total de docentes das três instituições analisadas. De acordo com os dados apresentados, quando analisado o

índice de qualidade de vida de acordo com a titulação dos docentes, os 22 especialistas apresentam o maior escore no domínio psicológico (72,1 [+ o -] 3,1) e o menor no domínio social (69,3 [+ o -] 4,4). Entre os 125 mestres e os 43 doutores os maiores escores foram no domínio físico (74,8 [+ o -] 1,3 e 75,7 [+ o -] 2,1 respectivamente) e os menores no domínio ambiental (69,4 [+ o -] 1,0 e 70,8 [+ o -] 1,8 respectivamente). Os autores concluíram que o índice de qualidade de vida dos docentes foi enquadrado como bom em todos os domínios analisados e sem diferença estatística significativa entre eles.

Dornelas et al (2017) pesquisaram sobre a autopercepção sobre a função glótica e desvantagem vocal de professores e buscaram identificar se há correlação e associação entre essas duas variáveis. Participaram do estudo 78 professores da rede pública de ensino, de ambos os sexos, com idade entre 30 a 45 anos. Foram utilizados os questionários de Índice de Desvantagem Vocal-10 (IDV-10) e o Índice de Função Glótica (IFG). Para análise dos resultados os autores utilizaram o teste Qui-quadrado e o teste de correlação de Spearman, com nível de significância adotado de 5%. O resultado da pesquisa foi que na idade média de 40 anos houve um (desvio padrão [+ or -] 8 anos). Vinte e cinco pessoas (32%) são do sexo masculino e 53 (68%) do feminino. Os resultados de ambos os questionários se apresentaram significativamente associados ($p < 0,01$) e com forte correlação ($R = 0,76$; $p < 0,01$). Os autores concluíram que os professores do estudo percebem as desvantagens vocais, principalmente relacionadas à dificuldade para falar em ambientes ruidosos, sensação de quebra de voz e força para fazer a voz sair. Dornelas et al (2017) evidenciaram uma associação estatisticamente significativa e forte correlação entre os resultados da percepção da desvantagem vocal e a função glótica.

Sanchez et al (2019) pesquisaram o impacto da saúde na qualidade de vida (QV) e qualidade da vida profissional (QVT) de professores universitários. Os autores realizaram um estudo descritivo, transversal, por meio do qual avaliaram 284 professores universitários das áreas da saúde, biologia, agrárias, humanas e exatas. A avaliação ocorreu através da aplicação de um questionário sociodemográfico com questões relacionadas aos dados de saúde, o WHOQOL-bref para avaliar QV e o TQWL-42 para avaliar a qualidade da vida no trabalho (QVT). Os autores verificaram que os professores que praticam atividade física apresentaram melhor QV e QVT e relataram melhor qualidade de sono; e, além disso, elas eram menores em

professores que usam medicação, que têm uma dieta pobre e têm menos atividades de lazer. A pesquisa apontou que a qualidade de vida e qualidade de vida no trabalho sofrem impacto dos aspectos relacionados à saúde.

Em suas pesquisas Hermes e Bastos (2015) delinearão o panorama epidemiológico sobre a voz do professor na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS. Os autores verificaram a prevalência de sintomas vocais autorreferidos nessa população. Foi realizado um estudo epidemiológico, transversal, descritivo, quantitativo. Dentre os 4.957 professores cadastrados na Semed/2013, 394 participaram da pesquisa. Todas as sete regiões urbanas do município (Prosa, Bandeira, Anhanduizinho, Lagoa, Segredo, Centro, Imbirussu) foram amostradas. Para a coleta de dados os autores utilizaram o protocolo de Ferreira e cols., adaptado, utilizando-se como método de mensuração a escala Likert. E, como resultado constataram alta prevalência de sintomas vocais autorreferidos. Os professores apresentaram múltiplos sintomas relacionados ao uso da voz no trabalho e perceberam os efeitos adversos em seu desempenho profissional, concluindo assim a seriedade dos problemas de voz do professor, vivenciados diariamente nos serviços de atendimento fonoaudiológico e na Rede Municipal de Ensino foi revelada em números expressivos.

Em sua pesquisa Silva et al (2016) associaram os sintomas vocais e suas possíveis causas autorreferidas por professores de escolas públicas do município de João Pessoa-PB. Para isso, os autores 121 professores de quatro escolas de ensino fundamental e médio da rede pública responderam a um questionário de autopercepção Condição de Produção Vocal do Professor. Nesse questionário foram analisados dados pessoais (idade, sexo, estado civil, escolaridade); situação funcional (carga horária e tempo de magistério); aspectos vocais, principalmente relacionados aos sintomas e causas. A análise dos dados foi realizada por meio do teste de associação Qui-Quadrado. Os dados mostraram que os sintomas vocais mais referidos foram rouquidão, falha na voz, voz grossa, voz fraca e falta de ar. As causas mais citadas foram: uso intensivo da voz, estresse, alergia e exposição ao barulho. Os autores constaram que, na opinião dos professores, a rouquidão está associada ao uso intensivo da voz e à infecção respiratória; a perda da voz ao uso intensivo da voz; a falta de ar à alergia; os dados indicam, portanto, que os professores participantes desta pesquisa percebem que tanto os fatores externos

(exposição ao barulho) interferem na produção vocal, assim como os relacionados à saúde e a voz (alergia, infecções respiratórias e o uso intensivo da voz).

Conforme anunciamos na abertura deste capítulo, o objetivo foi o de apresentar, por meio das vozes dos autores das teses e dissertações, o que pudemos perceber de seus “dizeres” sobre o adoecimento do professor, quais os percursos metodológicos e teóricos, e qual o enfoque nesse processo de adoecimento.

Para tanto, buscamos apreender o discurso das pesquisas quanto às concepções de adoecimento dos professores e de seus sujeitos e as suas propostas de enfrentamento ao adoecimento.

3. ENFRENTAMENTO E RESISTÊNCIA

Neste capítulo apresentamos uma reflexão sobre as estratégias de enfrentamento e resistência ao processo de adoecimento de educadores da Educação Básica frente aos problemas referentes ao trabalho docente. Para isso, utilizamos os resultados de uma pesquisa realizada junto aos professores do Município de Inhumas. Trata-se de um recorte específico, de profissionais que atuam como docentes na rede de ensino estadual e municipal de Goiás; portanto, não argumentamos de forma generalizada acerca das respostas que obtivemos por meio de questionário.

Acreditamos que este recorte pode ajudar a compreender acerca da temática escolhida para esta investigação que diz respeito às condições do trabalho e sua relação com o adoecimento docente.

Participaram da pesquisa professores da rede estadual e municipal da cidade de Inhumas, uma cidade do interior do Estado de Goiás. As informações sobre a pesquisa e as formas de participação foram disponibilizadas por meio de um grupo de *WhatsApp* exclusivo para a troca de materiais pedagógicos. Atenderam ao chamado de participação na pesquisa um quantitativo de 14 professores, sendo que todos responderam a um questionário com perguntas fechadas.

O questionário foi construído e compartilhado utilizando-se o *google forms*, um serviço para criação de formulários online. O link para acesso foi informado no mesmo grupo de *WhatsApp* e um total de quatorze professores responderam à pesquisa. Todos concordaram em participar voluntariamente da pesquisa. A princípio, o questionário seria aplicado em forma de entrevista, porém, o advento da pandemia da Covid-19, não permitiu que realizássemos os encontros necessários para esse fim. Então, optamos por fazer toda a pesquisa *online*.

3.1 INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A maioria dos pesquisados são do sexo feminino conforme observamos no Gráfico1, um percentual de 92,9%. Percebemos, desse modo, que ainda há o predomínio da mulher na profissão docente. Apenas 7,1% dos pesquisados são homens. Não houve porcentagem para a opção “me identifico de outra forma”.

Este resultado permite refletir a respeito do que as pesquisas já vêm apontando acerca da maioria expressiva de mulheres na docência.

Yannoulas (1994) enfatiza que a feminização da profissão docente se legitimou a partir da identidade feminina construída à época, bem como pela concepção de “mãe educadora”. Essa autora realizou um estudo minucioso de documentos da época que mostram que a atuação da professora, que atendia em casa no século XIX, era a extensão dos cuidados e da educação já realizadas no lar pelas mulheres. Essa ideia de continuidade dos cuidados maternos fomentou o ingresso das mulheres na profissão docente e a maternidade foi associada ao exercício da docência principalmente na escola elementar hoje tida como ensino fundamental.

Gráfico 1 – Relação dos pesquisados com referência ao gênero



Fonte: Elaborada pela autora.

Sobre a idade dos sujeitos que participaram da pesquisa, a maioria dos pesquisados: 57,2% têm 30 a 49 anos; 14,3% estão na faixa etária de 25 a 29 anos; 14,3% na faixa etária 50 a 59 anos; e, 14,3% se dizem estar com 60 ano ou mais, conforme podemos observar no gráfico 2:

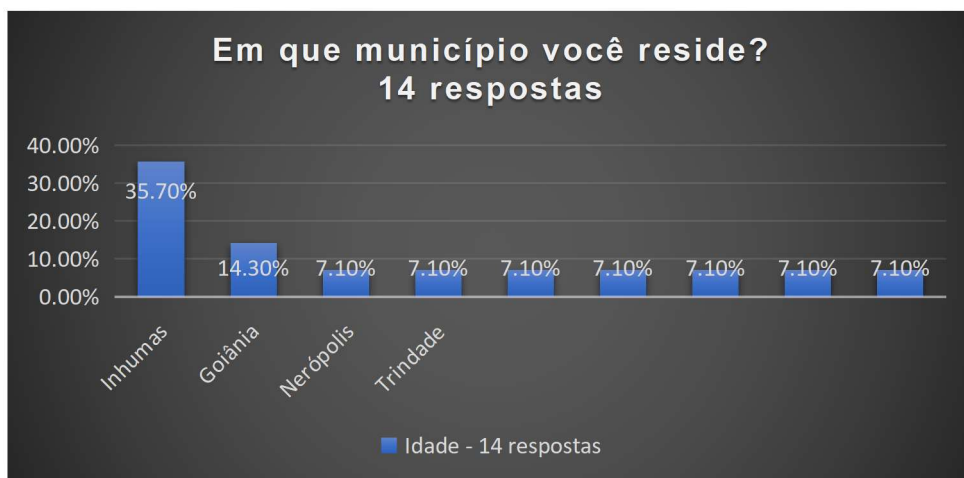
Gráfico 2 – Relação dos pesquisados quanto à idade



Fonte: Elaborada pela autora.

Sobre a localidade em que moram, a pesquisa mostrou que a maioria dos pesquisados mora na cidade de Inhumas, o que corresponde a um total de 35,7%; ou seja, um total de 5 pessoas. É importante ressaltar que, mesmo a pesquisa tendo sido realizada no âmbito da educação do município de Inhumas, no entorno desta cidade existem pequenos vilarejos e cidades circunvizinhas fazendo que os educadores estejam interligados por um mesmo grupo de professores. O Gráfico 3 demonstra essas informações:

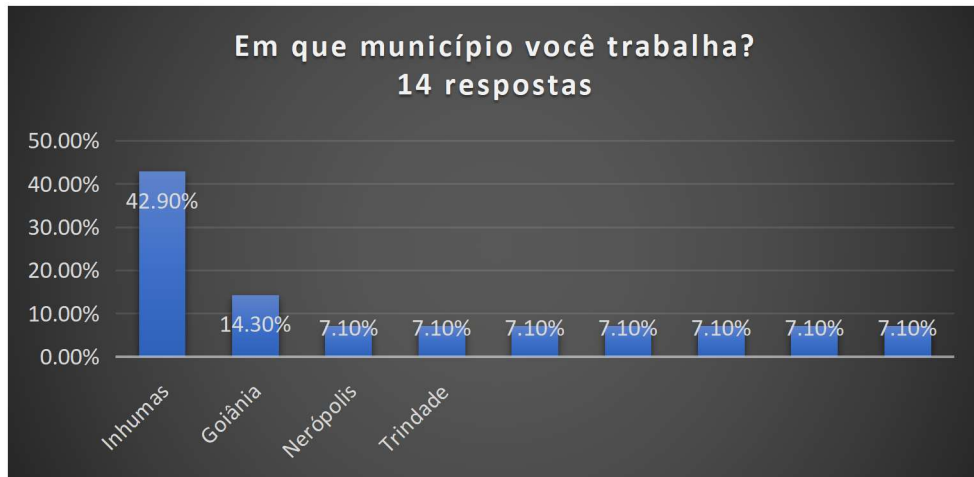
Gráfico 3 – Relação dos pesquisados quanto ao município onde moram



Fonte: Elaborada pela autora.

No que se refere ao município onde trabalham, os dados mostraram que a grande maioria dos pesquisados trabalham na cidade de Inhumas. Cerca de 42,9%, o que não significa que sejam os mesmos que moram na cidade de Inhumas já que a grande maioria dos educadores trabalham em cidades circunvizinhas por elas estarem localizadas num raio de 40km. Desse modo, é muito comum esses trabalhadores se deslocarem para cidades próximas em busca de: contratos temporários, concurso, ou até de salários e condições melhores de que seu próprio município.

Gráfico 4 – Relação dos pesquisados quanto ao município em que trabalham



Fonte: Elaborada pela autora.

Quando perguntados quanto à forma de contratação a que estão submetidos, os dados mostraram que a grande maioria dos pesquisados é efetiva, com 92,9%. Essa porcentagem reflete o cumprimento do artigo 206 da Constituição Federal; o que demonstra um avanço no que se refere a essa questão. As informações referentes a esses dados estão no Gráfico 5:

Gráfico 5 – Relação dos pesquisados quanto à forma de contratação



Fonte: Elaborada pela autora.

Quando perguntamos se os professores trabalham em mais de uma escola, vimos que essa é a realidade da grande maioria dos professores. Assim sendo, o Gráfico 6 mostra que 64,3% dos profissionais que participaram da pesquisa trabalha em mais de uma escola. Esse dado nos faz refletir no fato de que o salário dos

professores é baixo e, por isso, os profissionais optam por trabalhar em mais de uma escola para complementar a renda. Apenas 35,7% dos professores que responderam ao questionário trabalham em um só lugar.

De acordo com Alves e Pinto (2011) a remuneração é um aspecto fundamental em qualquer profissão, principalmente na sociedade capitalista. Implícitos na discussão da remuneração docente estão aspectos decisivos para a garantia de uma escola pública de qualidade, tais como: atratividade de bons profissionais para a carreira e de alunos bem preparados para os cursos de licenciatura, valorização social e financeira do professor num contexto de precarização, complexidade e intensificação do trabalho.

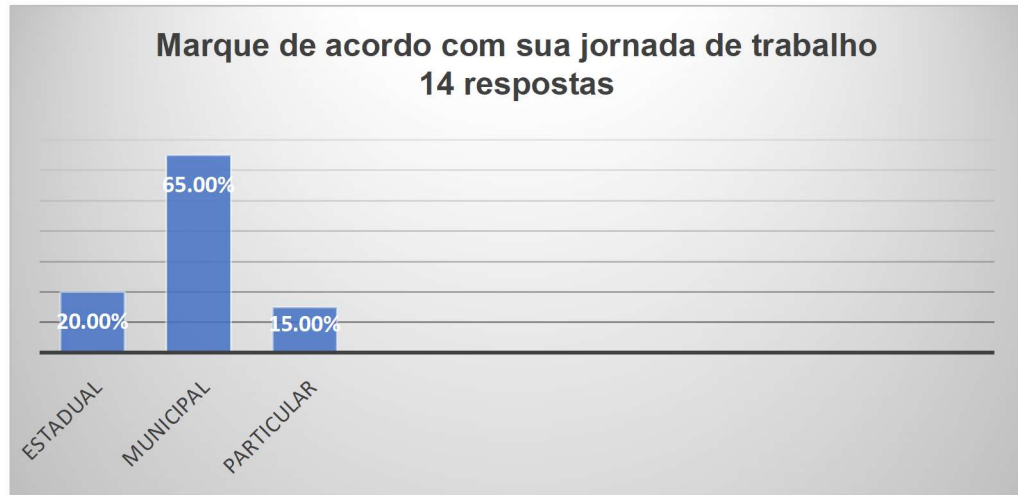
Gráfico 6 – Relação dos pesquisados no que se refere a trabalhar em mais de uma escola



Fonte: Elaborada pela autora.

A grande maioria dos professores trabalha na rede municipal de ensino: 65%. A LDB, no Art. 11º, inciso V, determina que os municípios devem se incumbir de oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas e, com prioridade, o ensino fundamental. A lei permite a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino. Os dados referentes à atuação nas redes municipal, estadual ou privada constam no Gráfico 7:

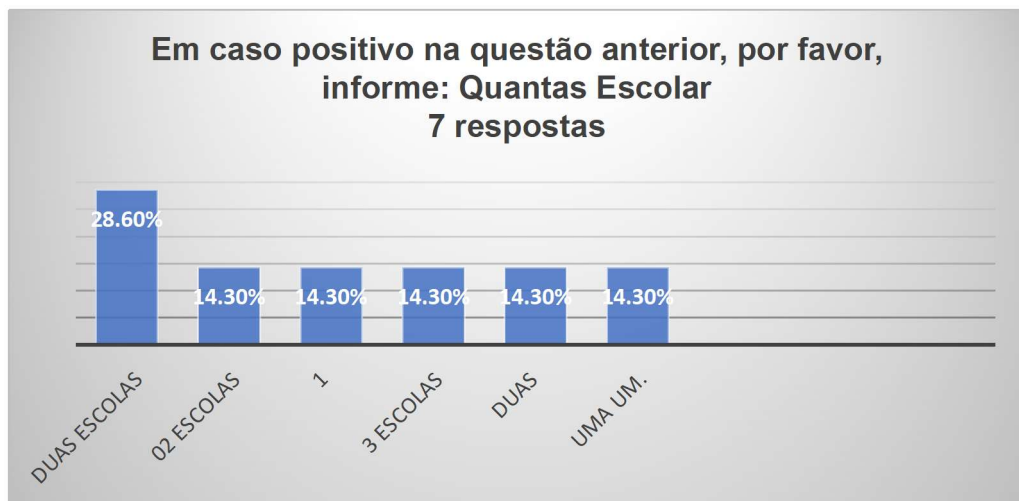
Gráfico 7 – Relação dos pesquisados no que se refere à jornada de trabalho



Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação à quantidade de escolas nas quais os pesquisados trabalham, os dados mostraram que a maioria, um total de 57,2%, trabalha em duas escolas e um total de 14,3% chegam a trabalhar em três escolas diferentes. O Gráfico 8, portanto, reflete a questão dos baixos salários dessa categoria de trabalhadores; o que os leva a buscar uma carga horária mais alta. Apenas 28,6%, ou seja, dois professores da amostragem trabalham apenas em uma escola.

Gráfico 8 – Relação dos pesquisados quanto ao número de escolas que trabalha

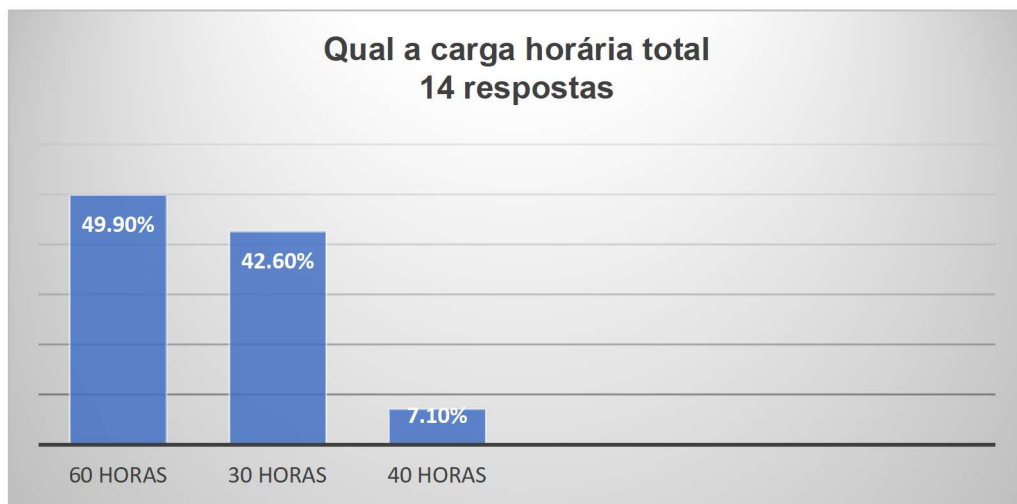


Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto à carga horária total trabalhada semanalmente, as respostas mostraram que a grande maioria dos educadores trabalham sessenta horas semanais: 49,9%. A porcentagem dos que trabalham quarenta horas semanais é de 7,1% e 42,6% dos educadores trabalham trinta horas semanais. O Gráfico 9 mostra esses dados:

A esse respeito Lipp (2012) enfatiza que devido ao fato dos professores tentarem melhorar a renda familiar, muitos profissionais estendem sua jornada de trabalho até 60 horas semanais. Porém, além da jornada em sala de aula, os professores ainda têm que separar tempo para o planejamento de suas práticas pedagógicas e para realizar as correções das atividades aplicadas em sala de aula, como provas e trabalhos. Além disso, as condições de trabalho de muitas escolas deixam a desejar, pois não proporcionam o material necessário para as atividades docentes, inibindo iniciativas de professores criativos que demandem recursos financeiros.

Gráfico 9 – Relação dos pesquisados quanto à carga horária total



Fonte: Elaborada pela autora.

Perguntados sobre o tempo em que atuam como professor, as respostas mostram que 56,9% dos educadores trabalham na educação há mais de 20 anos; 21,3% trabalham há mais de dez anos na educação; e, 7,1% destes trabalham há menos de dez anos. 7,1% dos pesquisados não entendeu a pergunta e respondeu quarenta horas semanais.

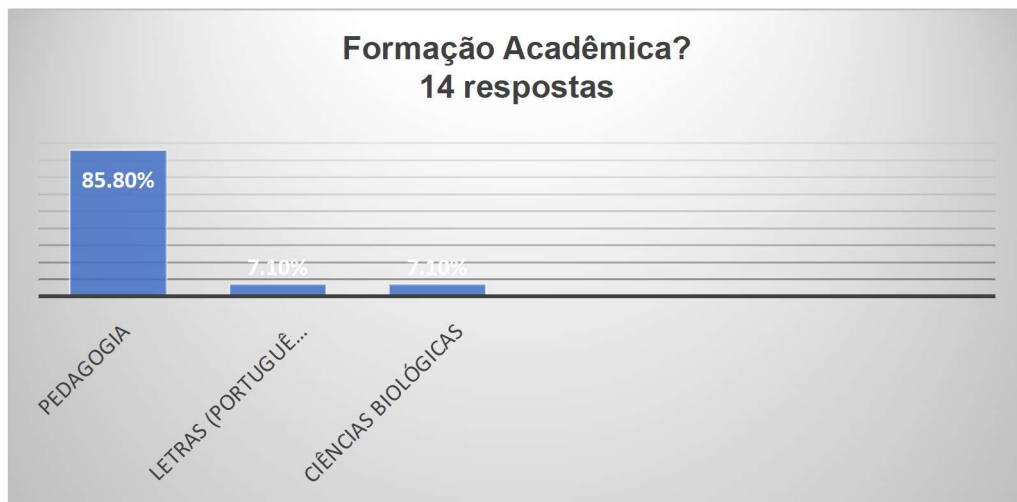
Gráfico 10 – Relação dos pesquisados quanto ao número de escolas que trabalha



Fonte: Elaborada pela autora.

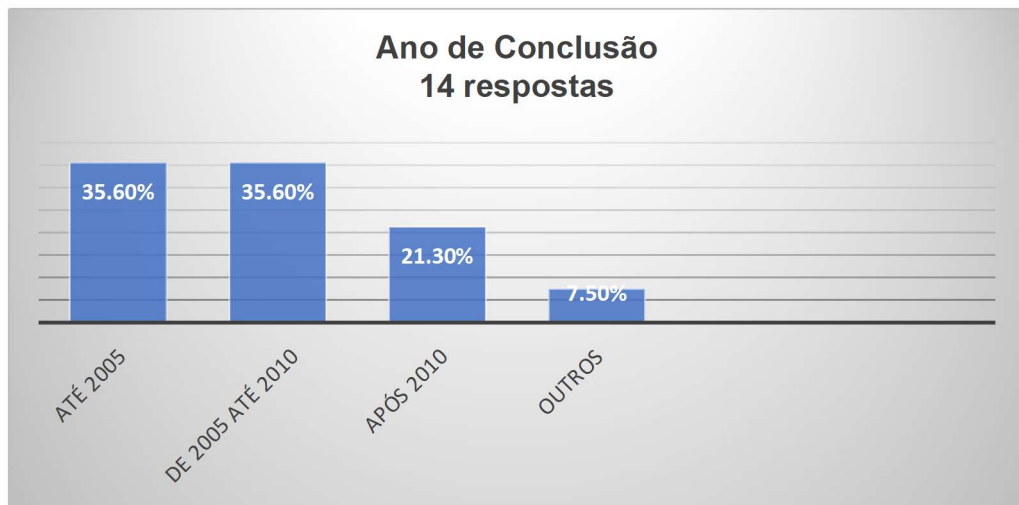
No que se refere à formação acadêmica, os dados mostraram que 85,8% dos professores que responderam ao questionário são graduados em Pedagogia; 7,1% são formados em Letras (Português-Inglês); e, 7,1% são formados em Ciências biológicas, conforme podemos ver no Gráfico 11.

Gráfico 11 – Relação dos pesquisados quanto à formação acadêmica



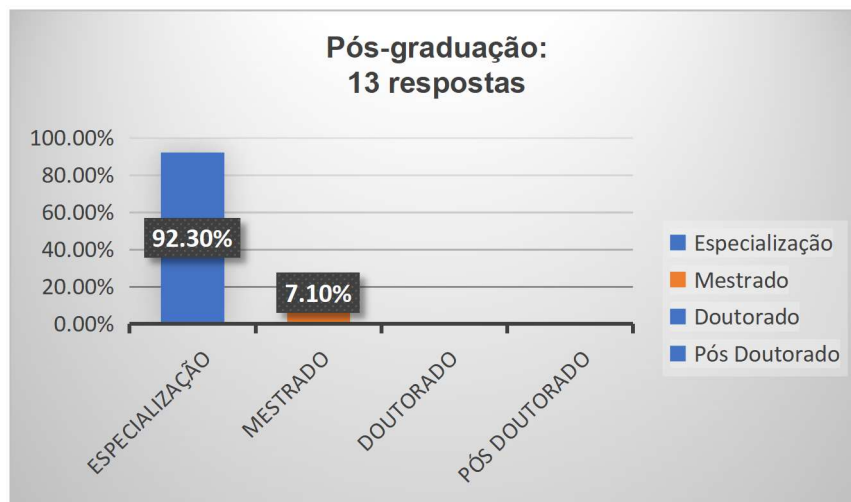
Fonte: Elaborada pela autora.

No que se refere ao ano de conclusão do curso de graduação, os dados mostraram que o percentual de formados até o ano de 2005 foi de 35,6%; os formados de 2005 até 2010 foi de 35,6%; e, os formados após o ano 2010 é de 21,3%, como podemos ver no Gráfico 12:

Gráfico 12 – Relação dos pesquisados quanto ao de conclusão da formação

Fonte: Elaborada pela autora.

Perguntamos no questionário em relação à realização de pós-graduações. A maioria dos pesquisados 92,3% possuem especialização com um total de doze educadores; 7,1% dos pesquisados possuem mestrado e um participante não respondeu à questão. Podemos perceber que os professores, por serem efetivos, acabam por ter uma melhor remuneração quando possuem cursos pós graduação.

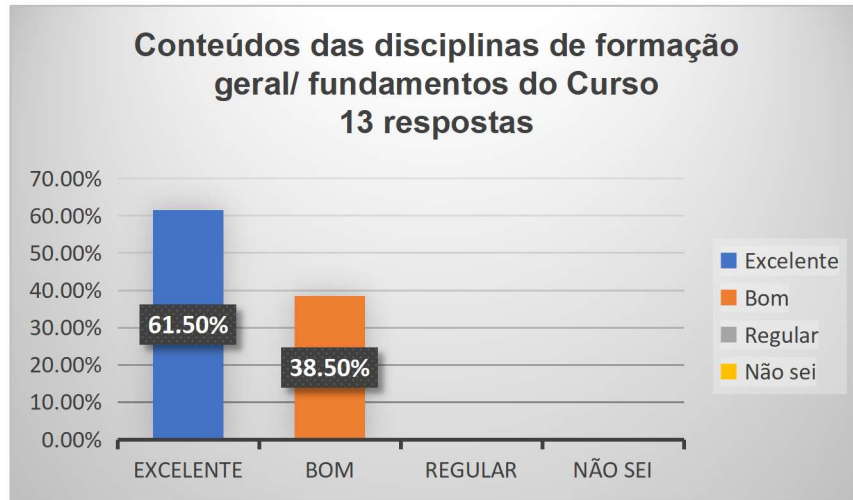
Gráfico 13 – Relação dos pesquisados no que se refere às pós graduações realizadas

Fonte: Elaborada pela autora.

Em uma das perguntas do questionário, pedimos para avaliar os conteúdos das disciplinas de formação geral e fundamentos do curso em que se formaram. Sobre essa pergunta, vimos que, para os educadores pesquisados os conteúdos

das disciplinas de formação geral fundamentos do curso são excelentes com 61,5% ou bom com 38,5%, conforme observamos no Gráfico 14.

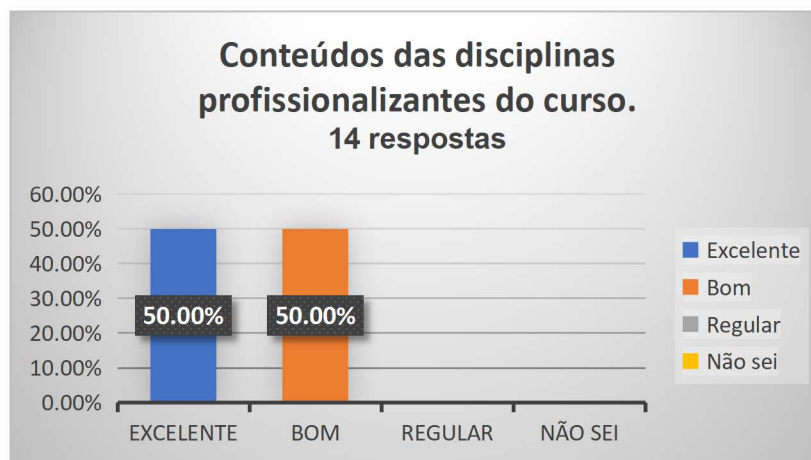
Gráfico 14 – Relação dos pesquisados quanto aos conteúdos das disciplinas de formação geral



Fonte: Elaborada pela autora.

Ainda no sentido de refletirem e avaliarem a própria formação, questionamos sobre os conteúdos profissionalizantes do curso. Desse modo, para os pesquisados os conteúdos das disciplinas profissionalizantes do curso são excelentes, com 50% das respostas ou bom com 50% das respostas, como vemos no Gráfico 15.

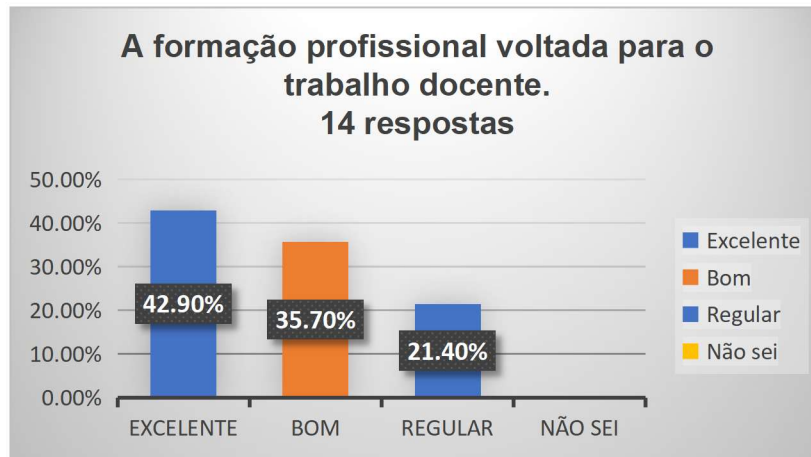
Gráfico 15 – Relação dos pesquisados no que se referem às disciplinas profissionalizantes do curso



Fonte: Elaborada pela autora.

Com relação à formação profissional voltada para o trabalho docente 42,9% responderam excelente, 35,7% consideram bom e 21,4% regular, conforme observamos no Gráfico 16:

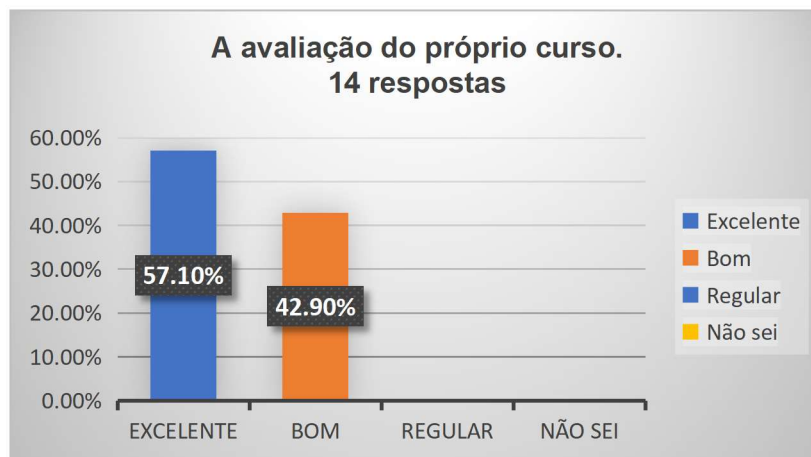
Gráfico 16 – Relação dos pesquisados no que se refere à formação profissional voltada ao trabalho docente



Fonte: Elaborada pela autora.

Para os pesquisados a avaliação do próprio curso é excelente para 57,1% e bom para 42,9%, como aponta o Gráfico 17:

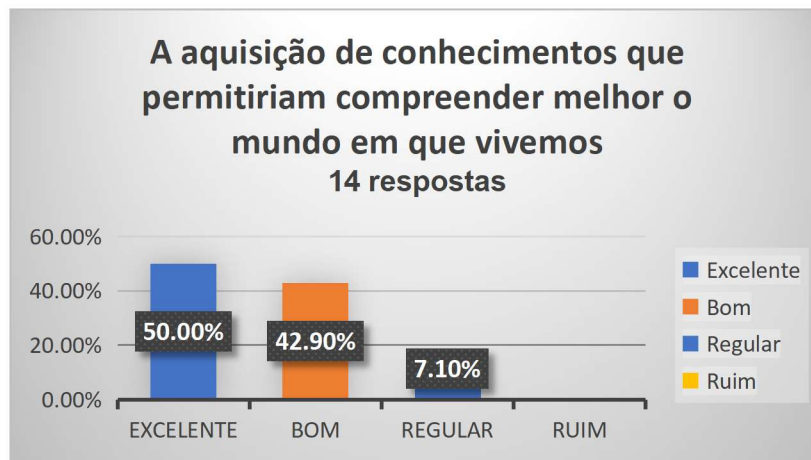
Gráfico 17 – Relação dos pesquisados no que se refere à avaliação que fazem do próprio curso de graduação



Fonte: Elaborada pela autora.

Com relação à aquisição de conhecimentos que os permitiram compreender melhor o mundo em que vivemos 50% consideraram excelente, 42,9% bom e 7,1% razoável. O Gráfico 18 mostra esses resultados:

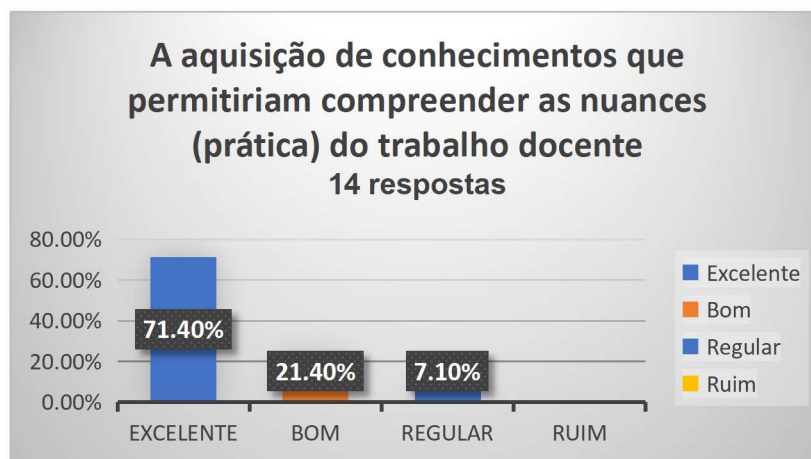
Gráfico 18 – Relação dos pesquisados no que se refere aos conhecimentos que permitiram-lhes compreender melhor o mundo em que vivemos



Fonte: Elaborada pela autora.

Com relação à aquisição de conhecimentos que permitiram compreender as nuances (prática) do trabalho docente 71,4% concordam que foi excelente; 21,4% responderam que foi bom; e, 7,1% entendem que foi regular.

Gráfico 19 – Relação dos pesquisados no que se refere aos conhecimentos que lhes permitiram compreender as nuances do trabalho docente



Fonte: Elaborada pela autora.

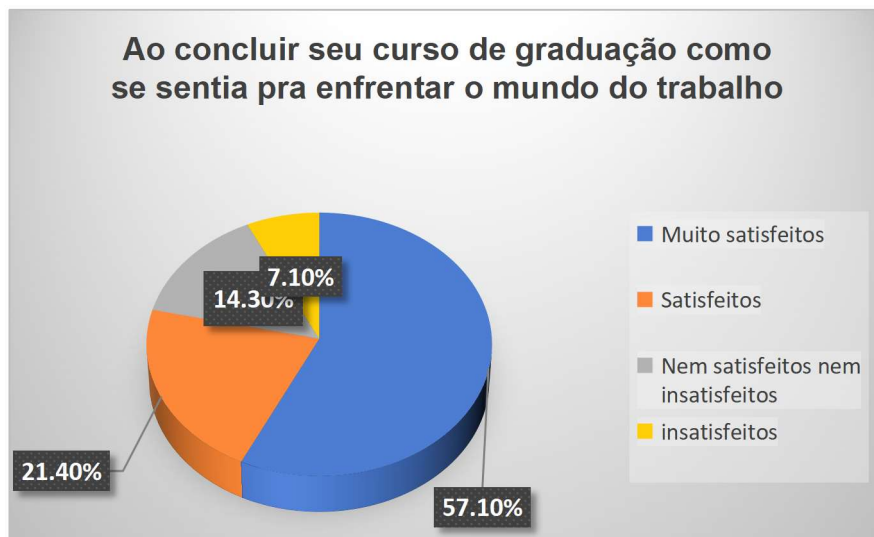
Após compreender a questão da formação, bem como solicitar que os participantes fizessem uma avaliação do próprio curso, realizamos alguns questionamentos acerca do trabalho docente e a qualidade de vida dos mesmos. E, para organização das ideias, apresentamos esses dados no próximo tópico.

3.2 TRABALHO DOCENTE E QUALIDADE DE VIDA

No que se refere ao trabalho docente e qualidade de vida utilizamos o índice pedindo que o docente marcasse a alternativa que mais lhe parecesse apropriada: 1. Muito Insatisfeito 2. Insatisfeito 3. Nem satisfeito nem insatisfeito 4. Satisfeito 5. Muito Satisfeito.

Na pergunta: Ao concluir seu curso de graduação, como se sentia para enfrentar o mundo do trabalho? As respostas mostraram que: 57,1% estavam muito satisfeitos; 21,4% satisfeitos; 14,3% nem satisfeitos nem insatisfeitos; e, 7,1% se dizem insatisfeitos. O Gráfico 20 mostra esses dados:

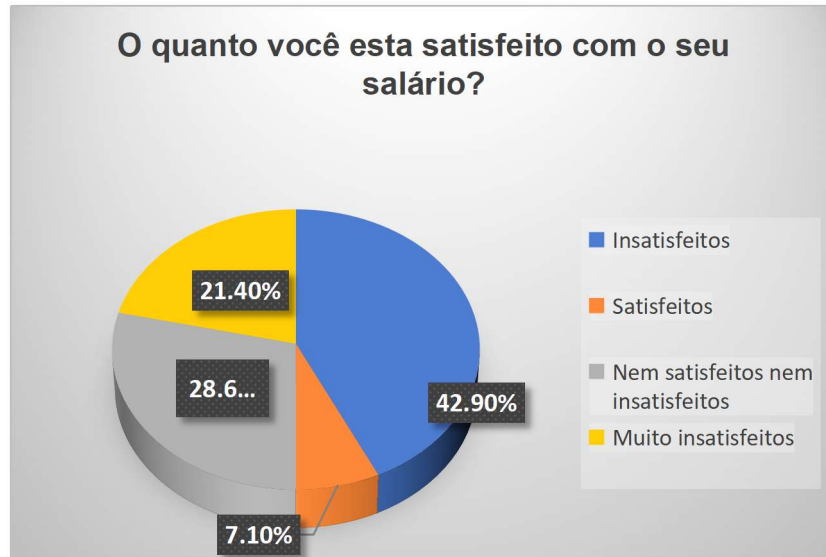
Gráfico 20 – Relação dos pesquisados quanto à sua preparação para enfrentar o mundo do trabalho



Fonte: Elaborada pela autora.

Na pergunta relacionada à satisfação quanto ao salário: 42,9% se dizem insatisfeito; 28,6 se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; 21,4% se dizem insatisfeitos; e, 7,1% se dizem insatisfeitos, como vemos no Gráfico 21.

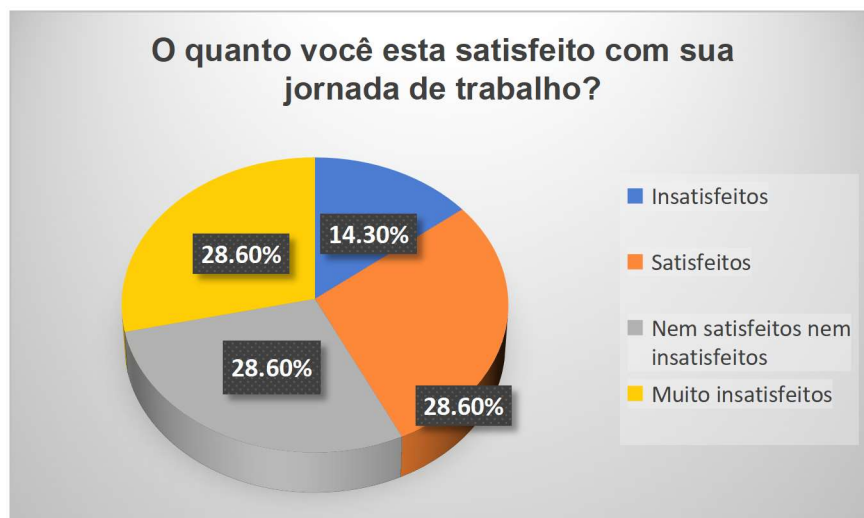
Gráfico 21 – Relação dos pesquisados quanto estar satisfeito com seu salário



Fonte: Elaborada pela autora.

No que se refere à jornada de trabalho, 28,6% se dizem muito satisfeitos; 28,6% se dizem nem satisfeitos; 28,6% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; e, 14,3% se dizem insatisfeitos, conforme observamos no Gráfico 22:

Gráfico 22 – Relação dos pesquisados quanto à satisfação quanto à jornada de trabalho

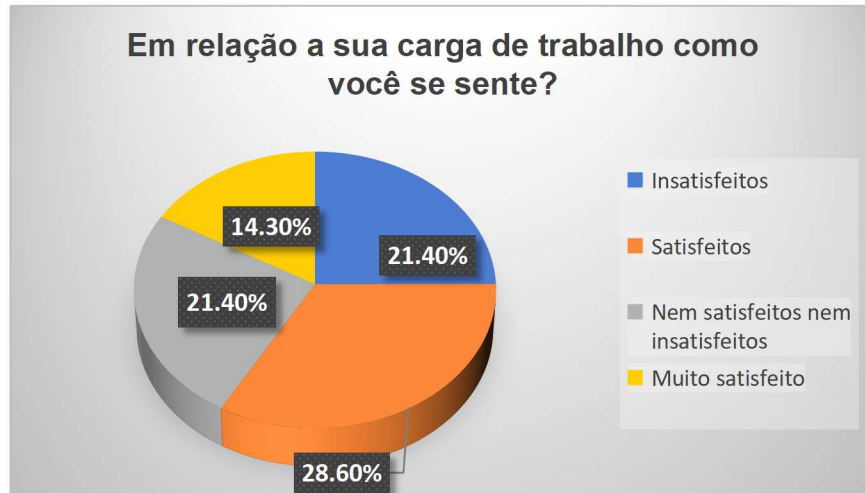


Fonte: Elaborada pela autora.

A pergunta seguinte do questionário foi: Em relação à sua carga de trabalho (quantidade de trabalho), como você se sente? Os dados mostraram que: 14,3% está muito satisfeitos; 28,6% se dizem satisfeitos; 21,4% se dizem nem satisfeitos e

nem insatisfeitos; 21,4 se dizem insatisfeitos e 14,3% muito insatisfeitos. O Gráfico 23 mostra essas informações.

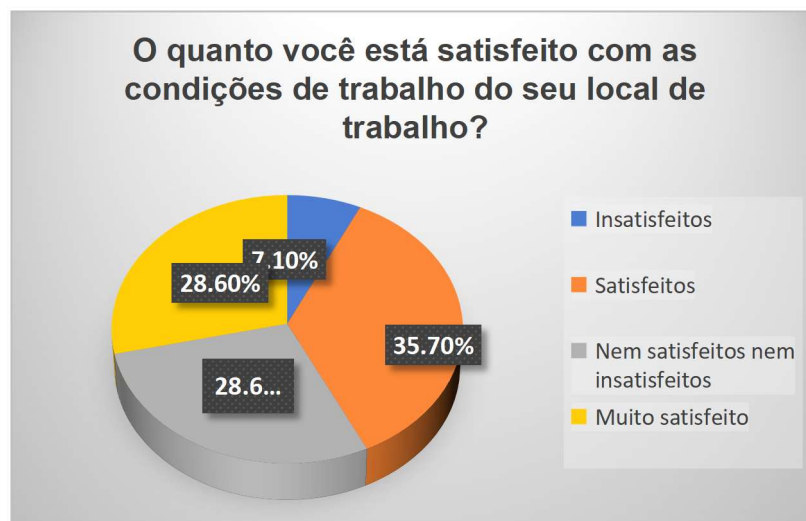
Gráfico 23 – Relação dos pesquisados referente a como se sentem em relação à quantidade de trabalho



Fonte: Elaborada pela autora.

Na pergunta relacionada à satisfação em relação às condições de trabalho do seu local de trabalho: 28,6% se dizem muito satisfeitos; 35,7% se dizem satisfeitos; 28,6% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; e, 7,1% se dizem insatisfeitos. O Gráfico 24 mostra esses dados:

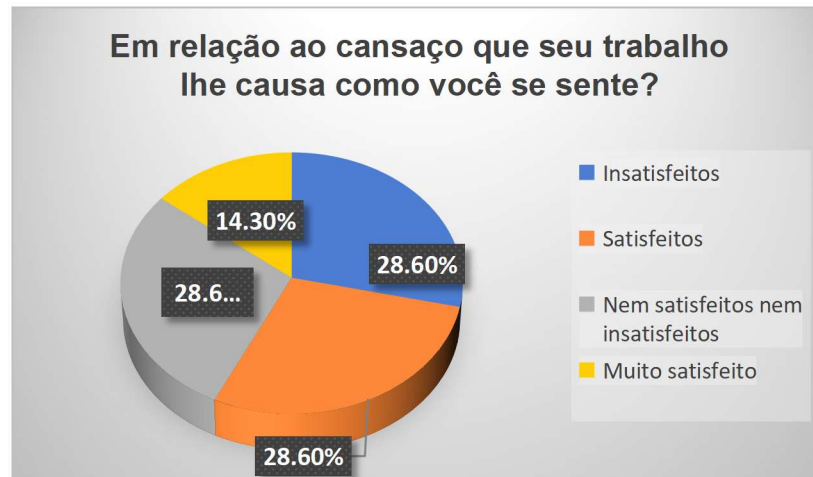
Gráfico 24 – Relação dos pesquisados quanto à sua satisfação em relação às condições de trabalho



Fonte: Elaborada pela autora

No questionamento: em relação ao cansaço que seu trabalho lhe causa, como você se sente? As respostas mostraram que: 14,3% se dizem muito satisfeitos; 28,6% se dizem satisfeitos; 28,6% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; e, 28,6% se dizem insatisfeitos, conforme observamos no Gráfico 25.

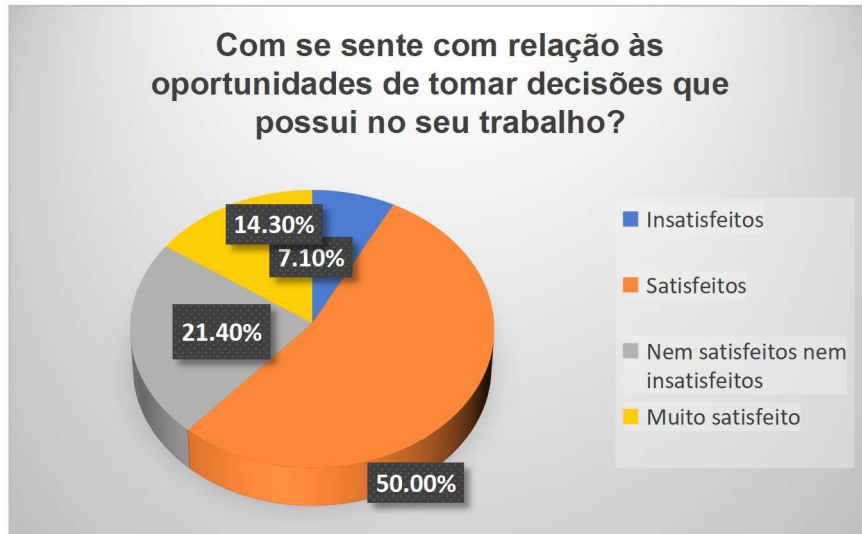
Gráfico 25 – Relação dos pesquisados quanto cansaço causado pelo trabalho



Fonte: Elaborada pela autora

A pergunta seguinte foi: Como se sente com relação às oportunidades de tomar decisões que possui no seu trabalho? As respostas mostraram que 7,1% estão satisfeitos; 50% satisfeitos; 21,4 nem satisfeitos e nem insatisfeitos; 7,1% estão insatisfeitos; e, 14,3 se dizem muito insatisfeitos. O Gráfico 26 mostra esses dados:

Gráfico 26 – Relação dos pesquisados no que se referem às oportunidades de tomar decisões no seu trabalho



Fonte: Elaborada pela autora

Perguntamos, ainda: Como se sente com relação à importância da tarefa/trabalho/atividade que você faz? As respostas mostraram que 35,7% estão muito satisfeitos; 57,1% se dizem satisfeitos; e, 7,1% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos, conforme observamos no Gráfico 27:

Gráfico 27 – Relação dos pesquisados quanto à importância que eles veem no trabalho que desempenham

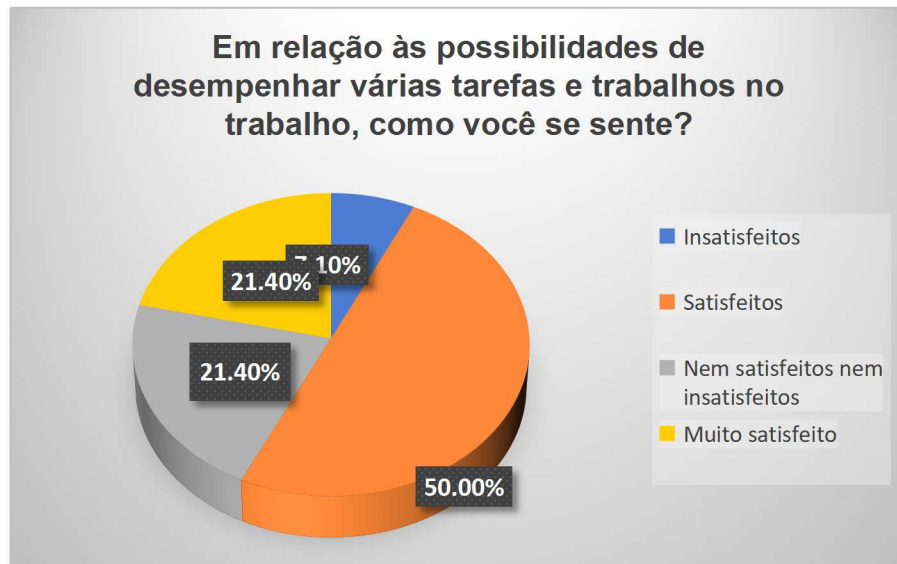


Fonte: Elaborada pela autora

Outra questão foi: em relação às possibilidades de desempenhar várias tarefas e trabalhos no trabalho, como você se sente? Os dados mostraram que 21,4% se sentem muito satisfeitos; 50% se sentem satisfeitos; 21,4% se sentem

nem satisfeitos e nem insatisfeitos; e, 7,1% se sentem insatisfeitos. No Gráfico 28 podemos ver esses dados.

Gráfico 28 – Relação dos pesquisados quanto à possibilidade de desempenhar várias tarefas e trabalhos no trabalho



Fonte: Elaborada pela autora

Outra pergunta foi: Em relação à responsabilidade conferida a você, como você se sente? Nas respostas podemos ver que 21,4% se sentem muito satisfeitos; 57,1% se sentem satisfeitos; e, 21,4% sentem nem satisfeitos e nem insatisfeitos. Podemos ver esses dados no Gráfico 29:

Gráfico 29 – Relação dos pesquisados quanto às responsabilidades que lhes são conferidas



Fonte: Elaborada pela autora

Perguntamos sobre o quanto o pesquisado está satisfeito com a sua oportunidade de crescimento profissional. Os dados mostraram que: 28,6% se dizem muito satisfeitos; 64,3% se dizem satisfeitos; e, 7,1% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos, como podemos ver no Gráfico 30.

Gráfico 30 – Relação dos pesquisados quanto à satisfação com a oportunidade de crescimento profissional



Fonte: Elaborada pela autora

A pergunta seguinte foi: O quanto você está satisfeito com os treinamentos que você faz? As respostas mostraram que: 15,4% se dizem muito satisfeito; 46,2% se dizem satisfeitos; 30,8% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; e, 7,7% se dizem insatisfeitos. No Gráfico 31 podemos ver esses dados:

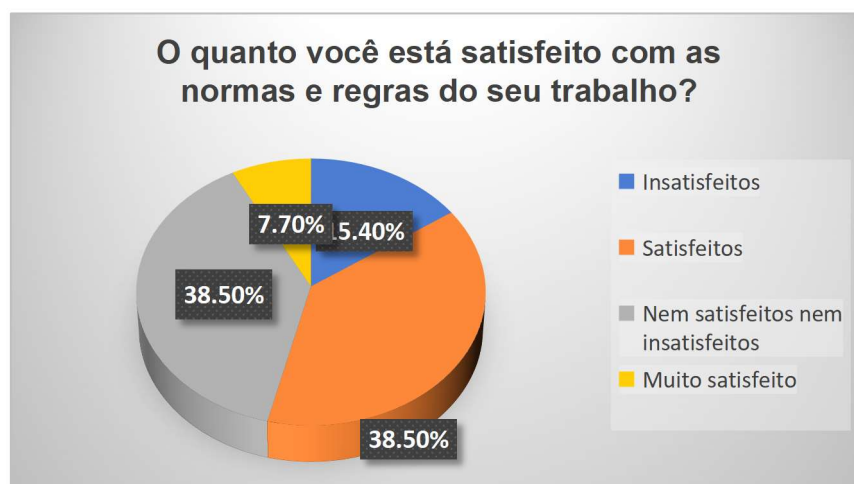
Gráfico 31 – Relação dos pesquisados quanto às satisfações em relação aos treinamentos dos quais participa



Fonte: Elaborada pela autora

Com relação à pergunta: O quanto você está satisfeito com as normas e regras do seu trabalho? Nas respostas podemos ver que: 7,7% se dizem muito satisfeitos; 38,5% se dizem satisfeitos; 38,5% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; e, 15,4% se dizem insatisfeitos, conforme vemos no Gráfico 32:

Gráfico 32 – Relação dos pesquisados quanto às satisfações em relação às normas e regras do seu trabalho

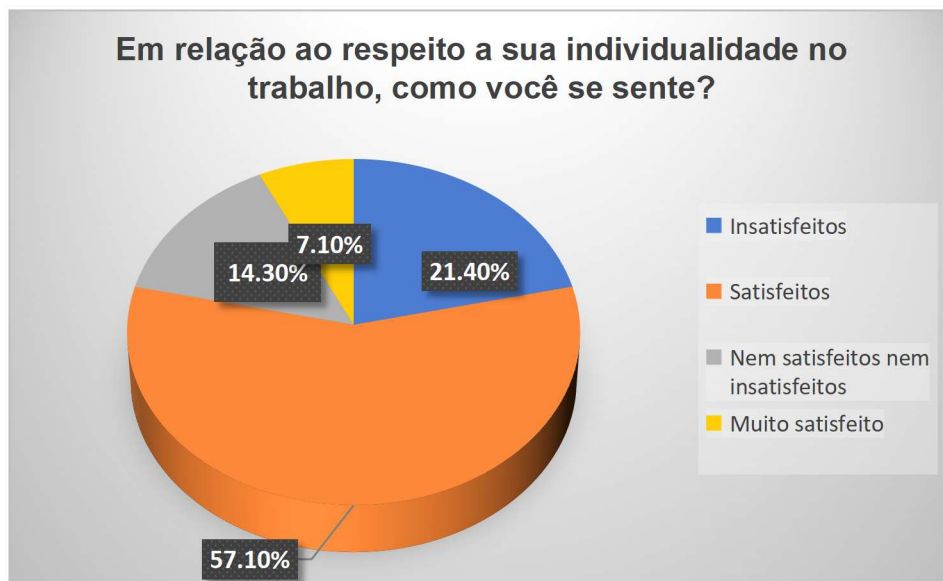


Fonte: Elaborada pela autora

Em seguida perguntamos: em relação ao respeito à individualidade no trabalho, como você se sente? 7,1% responderam que se sentem se muito

satisfeitos; 57,1% sentem se satisfeitos; 14,3% se sentem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; e, 21,4% sentem se insatisfeitos. Esses dados estão no Gráfico 33:

Gráfico 33 – Relação dos pesquisados quanto ao respeito à sua individualidade no trabalho



Fonte: Elaborada pela autora

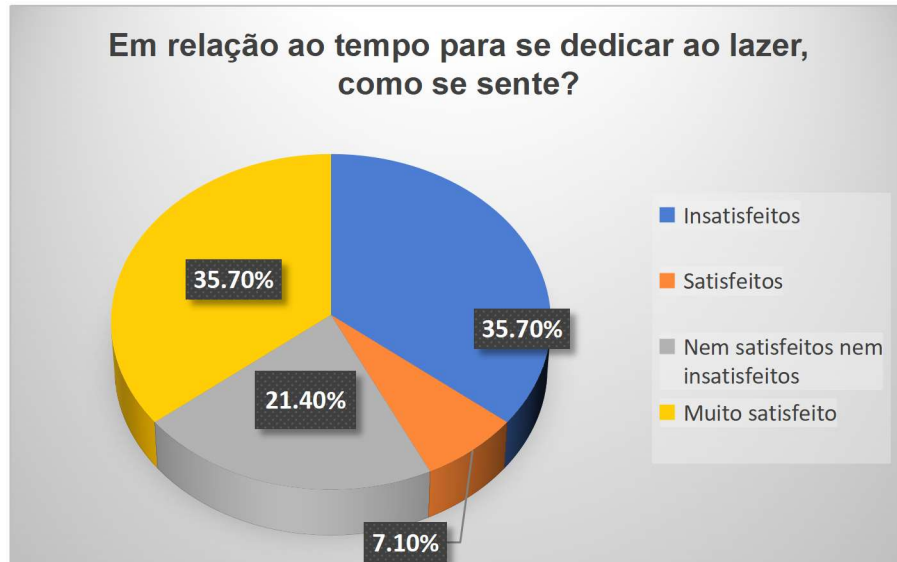
Outra pergunta do questionário foi: Em relação ao tempo para se dedicar ao lazer, como se sente? As respostas mostram que 14,3% se sentem muito satisfeitos; 7,1% se sentem satisfeitos; 21,4% se sentem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; 35,7% se sentem insatisfeitos; e, 21,4% sentem muito insatisfeito.

No que se refere a esse assunto, Dejours (1992, p. 46) pontua que:

O tempo fora do trabalho não seria nem livre e nem virgem, e os estereótipos comportamentais não seriam testemunhas apenas de alguns resíduos anedóticos. Ao contrário, tempo de trabalho e tempo fora do trabalho formariam um continuum dificilmente dissociável. É bem possível que as atividades feitas às pressas em casa não sejam o resultado de uma atitude passiva, mas que exijam também um esforço.

Os dados referentes às respostas dos participantes da pesquisa quanto a essa pergunta podem ser vistos no Gráfico 34:

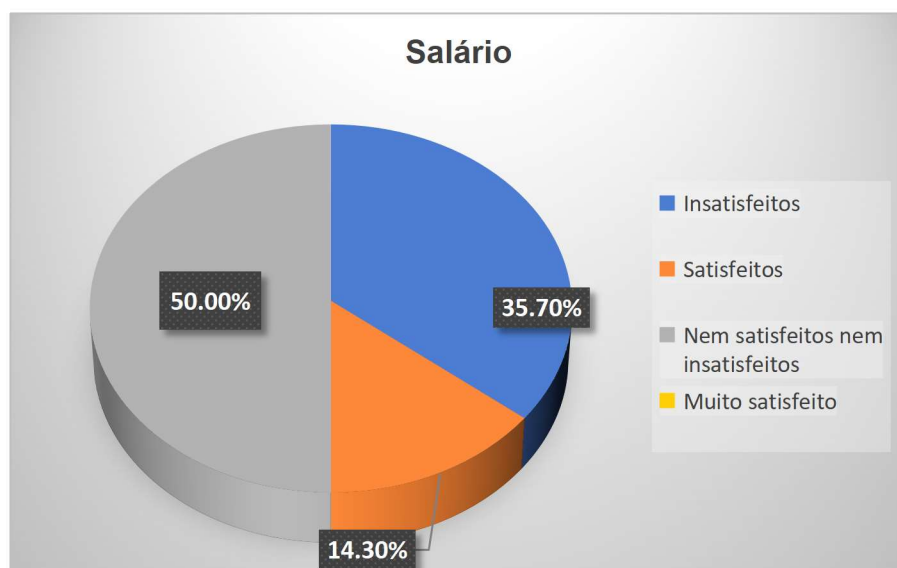
Gráfico 34 – Relação dos pesquisados quanto ao tempo de se dedicarem ao lazer



Fonte: Elaborada pela autora

Com relação à tensão e o cansaço, os docentes responderam a seguinte questão: salário 14,3% se dizem satisfeitos; 50% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; 28,6% se dizem insatisfeitos; e, 7,1% se dizem insatisfeitos, conforme vemos no Gráfico 35:

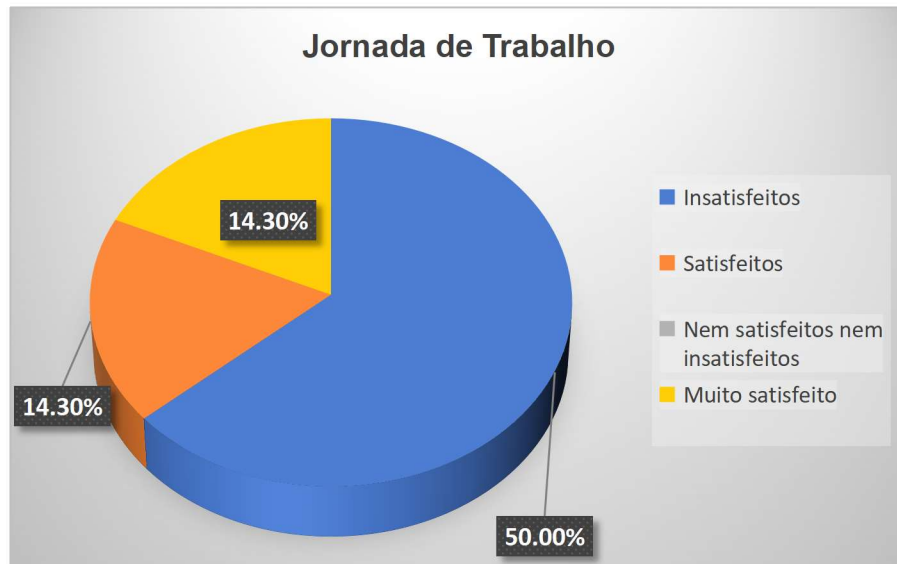
Gráfico 35 – Relação dos pesquisados quanto ao salário



Fonte: Elaborada pela autora

Com relação à tensão e o cansaço, os dados coletados mostraram que: jornada de trabalho 14,3% se dizem muito satisfeitos; 14,3% se diz satisfeitos; 28,6% se dizem insatisfeitos; e, 21,4% se dizem insatisfeitos, como vemos no Gráfico 36.

Gráfico 36 – Relação dos pesquisados quanto à jornada de trabalho



Fonte: Elaborada pela autora

Com relação à tensão e o cansaço, os docentes responderam sobre o tempo para ajustar vida pessoal com a vida profissional: 21,4% se diz satisfeito e 42,9% se dizem nem satisfeito e nem insatisfeito e 35,7% se dizem muito insatisfeito, conforme observamos no Gráfico 37.

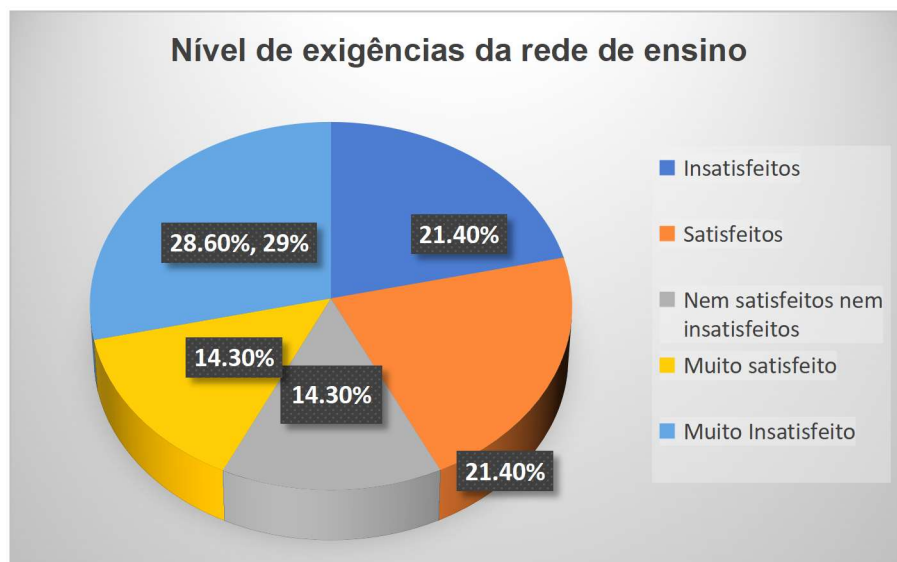
Gráfico 37 – Relação dos pesquisados quanto ao tempo para ajustar vida pessoal com a vida profissional



Fonte: Elaborada pela autora

Ainda com relação à tensão e o cansaço, os docentes responderam sobre o nível de exigências da rede de ensino. Os dados mostraram que 14,3% se diz muito satisfeito; 21,4% se dizem satisfeitos; 14,3% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; 21,4% se dizem insatisfeitos e 28,6% se dizem muito insatisfeitos. O gráfico 38 mostra esses dados:

Gráfico 38 – Relação dos pesquisados quanto ao nível de exigências da rede de ensino

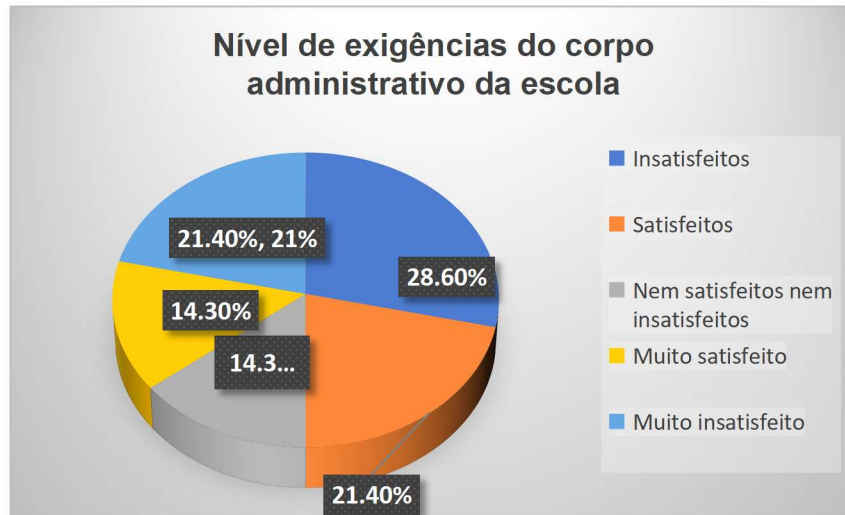


Fonte: Elaborada pela autora

No que se refere ao nível de exigências do corpo administrativo, os dados mostraram que: 14,3% se diz muito satisfeito; 21,4% se dizem satisfeitos; 14,3% se

diz nem satisfeito e nem insatisfeito; 28,6% se dizem insatisfeitos; e, 21,4% se dizem muito insatisfeitos, como vemos no Gráfico 39:

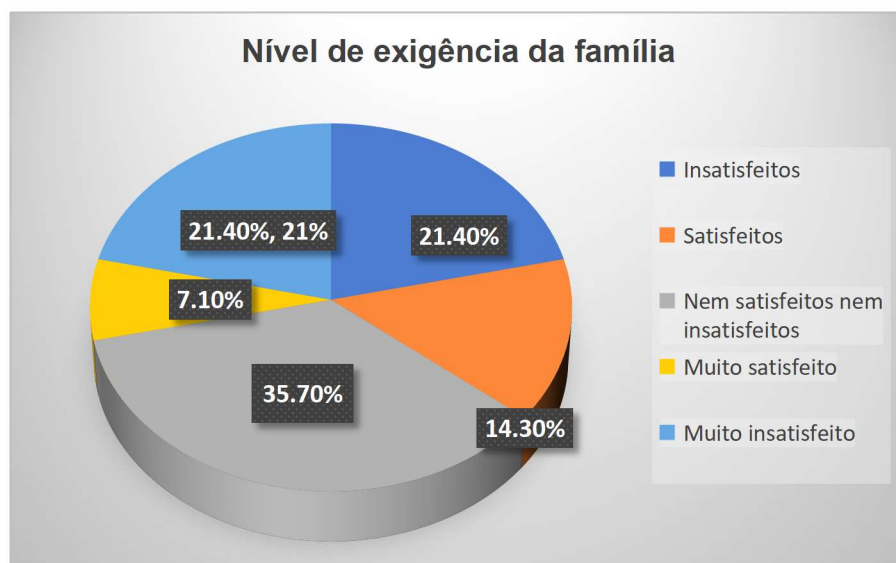
Gráfico 39 – Relação dos pesquisados quanto ao nível de exigências do corpo administrativo



Fonte: Elaborada pela autora

Com relação ao nível de exigências da família, as respostas apontam que: 7,1% se diz muito satisfeito; 14,3% se diz satisfeito; 35,7% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; 21,4% se dizem insatisfeitos; e, 21,4% se dizem muito insatisfeitos. No Gráfico 40 podemos visualizar esses dados:

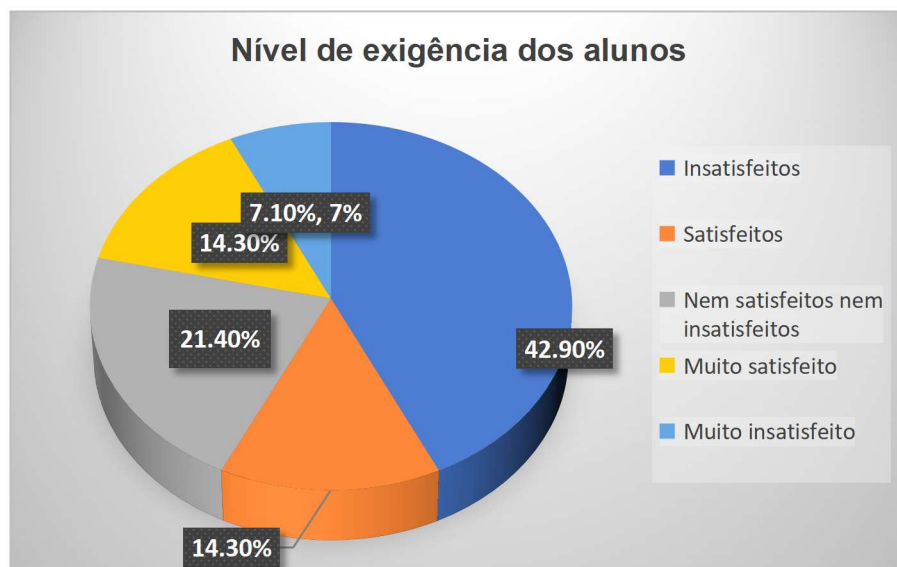
Gráfico 40 – Relação dos pesquisados quanto ao nível de exigências da família



Fonte: Elaborada pela autora

No que se refere ao nível de exigências dos alunos, os dados mostram que: 14,3% se diz muito satisfeito; 14,3% se diz satisfeito; 21,4% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; 42,9% se dizem insatisfeitos; e, 7,1% se dizem muito insatisfeito, como podemos ver no Gráfico 41.

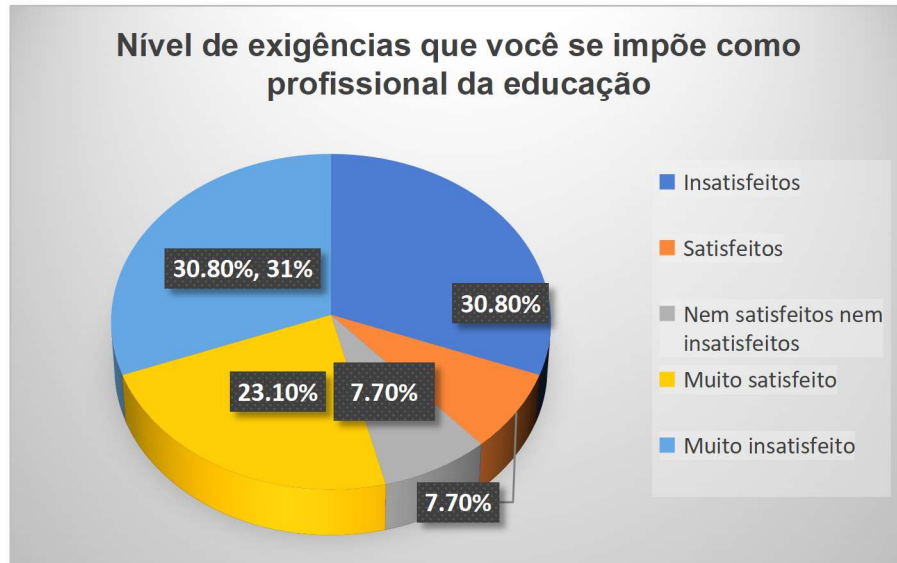
Gráfico 41 – Relação dos pesquisados quanto ao nível de exigências dos alunos



Fonte: Elaborada pela autora

Com relação ao nível de exigências que você se impõe como profissional da educação, as respostas mostraram que: 23,1% se diz muito satisfeito; 7,7% se diz satisfeito; 7,7% se diz nem satisfeito e nem insatisfeito; 30,8% se dizem insatisfeito; e, 30,8% se dizem muito insatisfeito. O Gráfico 42 mostra os dados:

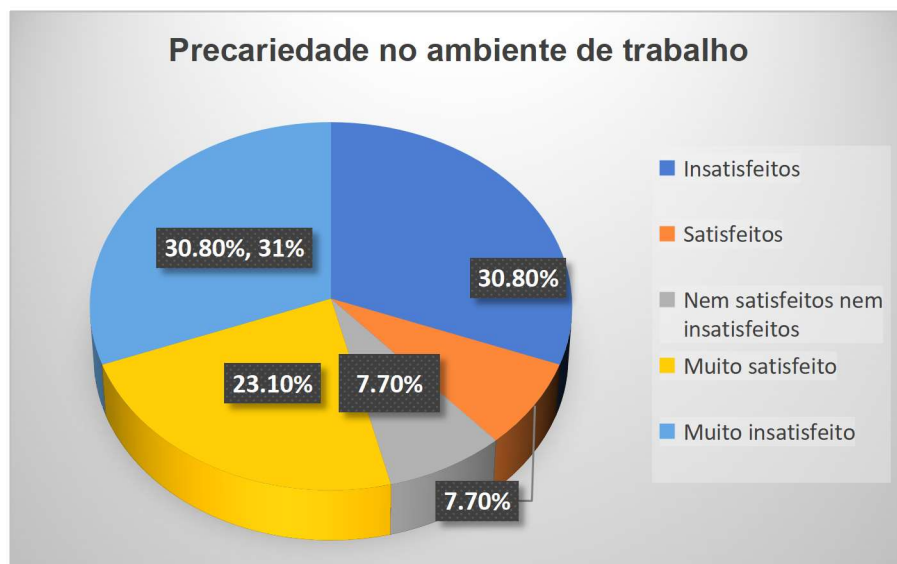
Gráfico 42 – Relação dos pesquisados quanto ao nível de exigências que você se impõe como profissional da educação



Fonte: Elaborada pela autora

Quanto à precariedade no ambiente de trabalho, as respostas apontam que: 23,1% se diz muito satisfeito; 7,7% se diz satisfeito; 7,7% se dizem nem satisfeito e nem insatisfeito; 30,8% se dizem insatisfeitos; e, 30,8% se dizem muito insatisfeitos, conforme podemos ver no Gráfico 43:

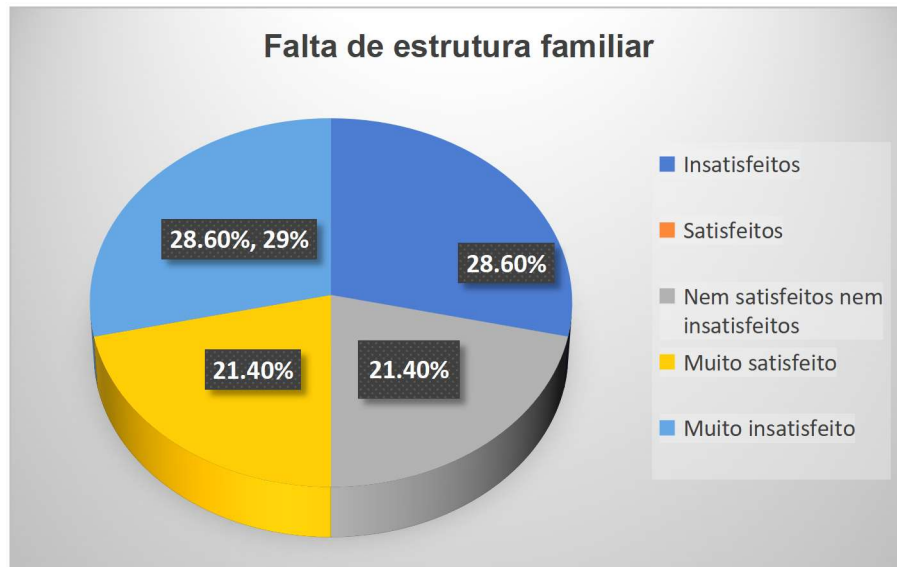
Gráfico 43 – Relação dos pesquisados quanto à falta de estrutura física da escola



Fonte: Elaborada pela autora

No que refere à falta de estrutura familiar: 21,4% dos professores que responderam ao questionário se diz muito satisfeito; 21,4% se dizem nem satisfeitos e nem insatisfeitos; 28,6% se dizem insatisfeitos; e, 28,6% se dizem muito insatisfeito, como podemos ver no Gráfico 44:

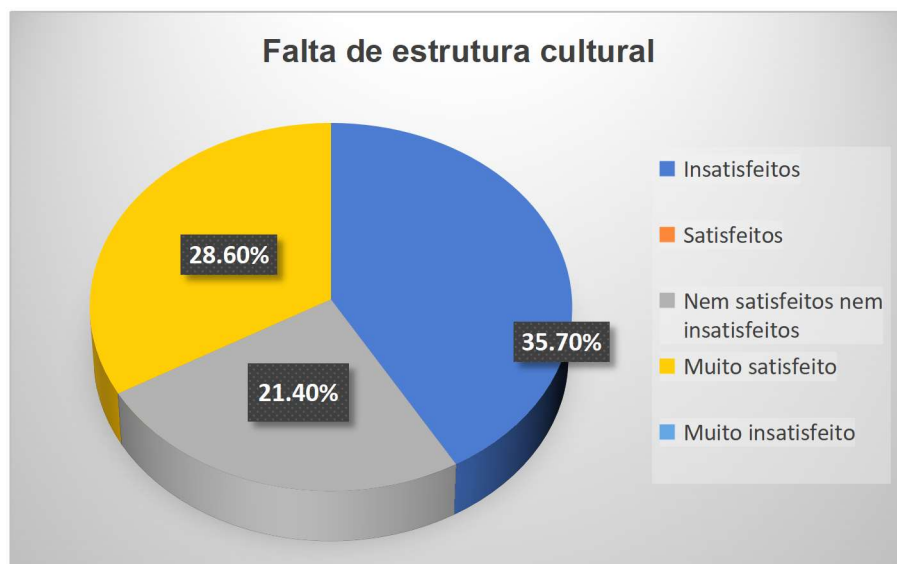
Gráfico 44 – Relação dos pesquisados quanto à falta de estrutura familiar



Fonte: Elaborada pela autora

Com relação à falta de estrutura cultural: 21,4%, se dizem nem satisfeito e nem insatisfeito; 35,7% se dizem insatisfeito; e, 28,6% se dizem muito insatisfeito, conforme aponta o Gráfico 45:

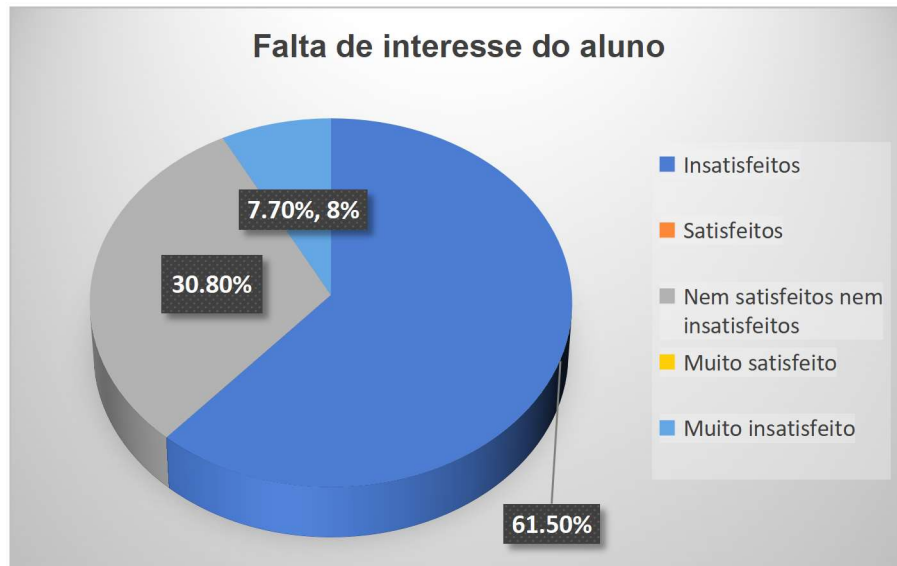
Gráfico 45 – Relação dos pesquisados quanto à falta de estrutura cultural



Fonte: Elaborada pela autora

No que se refere à falta de interesse do aluno: 30,8% se dizem nem satisfeito e nem insatisfeito; 61,5% se dizem insatisfeito; e, 7,7% se dizem muito insatisfeito, como podemos ver no Gráfico 46:

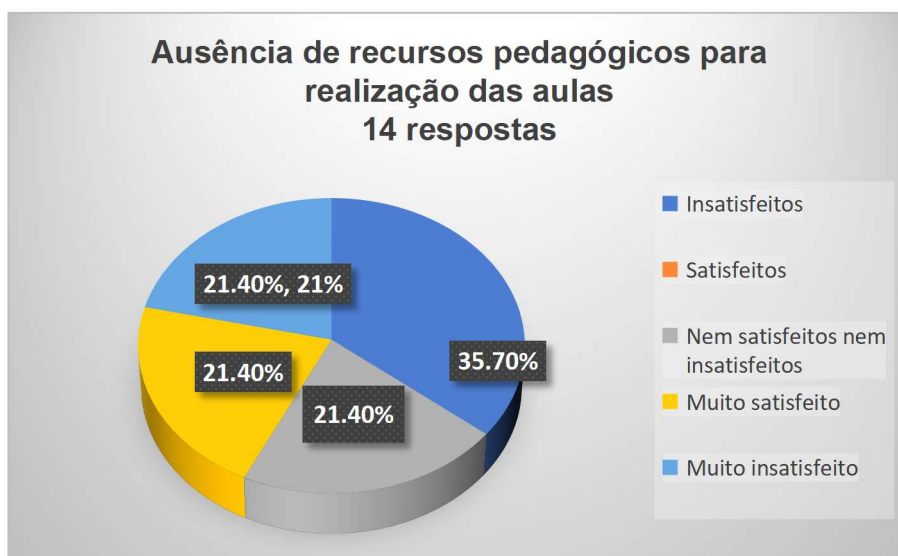
Gráfico 46 – Relação dos pesquisados quanto à falta de interesse do aluno



Fonte: Elaborada pela autora

Com relação à ausência de recursos pedagógicos para realização das aulas: 21,4% se dizem muito satisfeito; 21,4% se dizem nem satisfeito e nem insatisfeito e 35,7%; se dizem insatisfeito; e, 21,4% se dizem muito insatisfeito. O Gráfico 47 mostra esses dados:

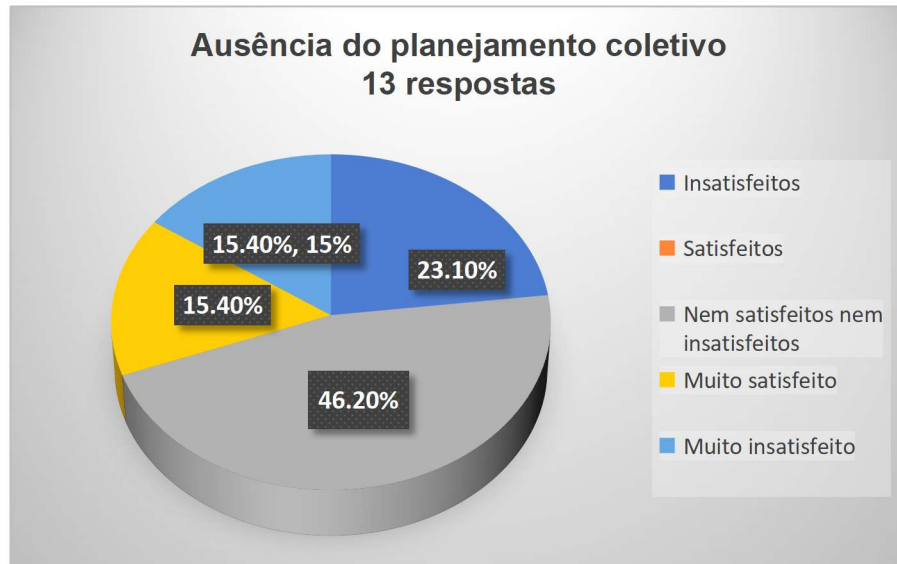
Gráfico 47 – Relação dos pesquisados quanto à ausência de recursos pedagógicos para realização das aulas



Fonte: Elaborada pela autora

Com relação à ausência de planejamento coletivo: 15,4% se dizem muito satisfeito; 46,2% se dizem nem satisfeito e nem insatisfeito; e, 23,1% se dizem insatisfeito e 15,4% se dizem muito insatisfeito, como podemos ver no Gráfico 48:

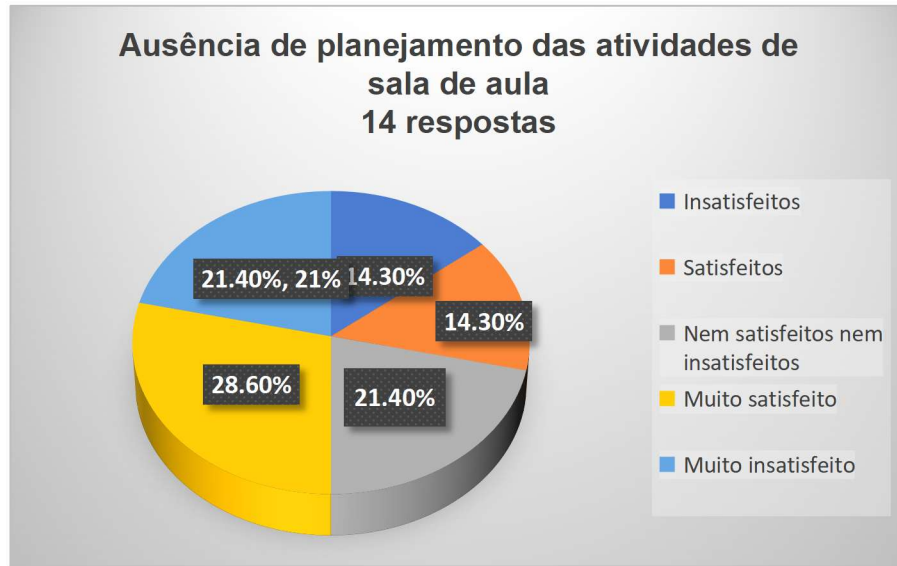
Gráfico 48 – Relação dos pesquisados quanto à ausência de planejamento coletivo



Fonte: Elaborada pela autora

No que se refere à ausência de planejamento das atividades de sala de aula: 28,6% se dizem muito satisfeito; 14,3% se dizem satisfeito; 21,4% nem satisfeito e nem insatisfeito; 14,3% se dizem insatisfeito; e, 21,4% se dizem muito insatisfeito, como vemos no Gráfico 49:

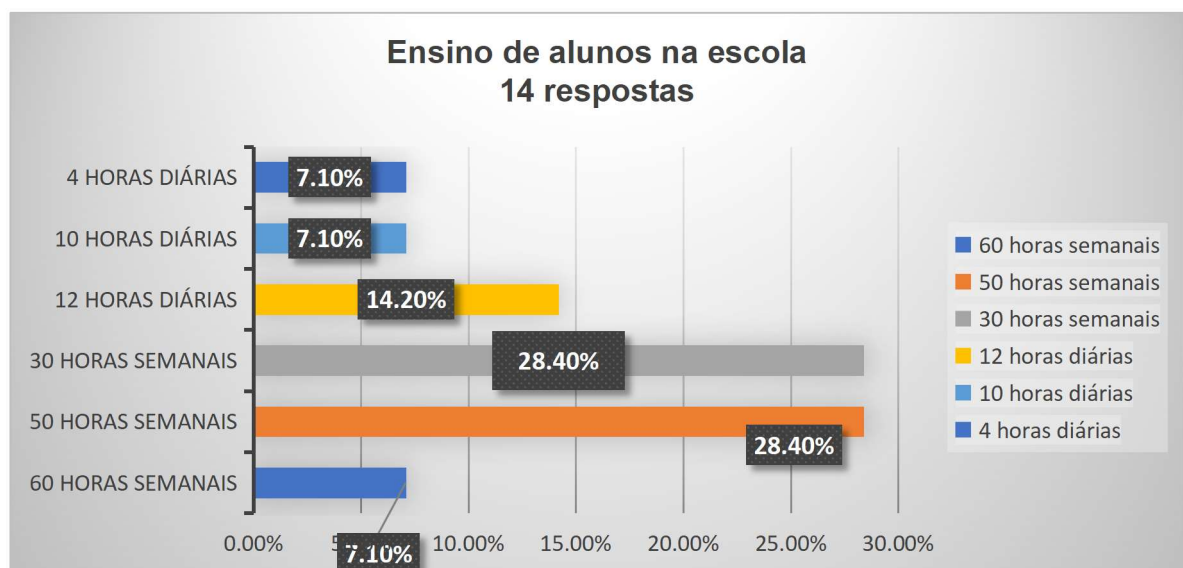
Gráfico 49 – Relação dos pesquisados quanto à ausência de planejamento das atividades de sala de aula



Fonte: Elaborada pela autora

Foi pedido aos docentes que informassem o número de horas semanais que gastam para cada uma das seguintes atividades na escola: Ensino de alunos na escola. As respostas apontaram que: 28,4% informaram gastar 30 horas semanais; 7,1% informaram gastar 60 horas semanais; 7,1% informaram gastar 50 horas semanais; 14,2% informaram gastar 12 horas diárias; 7,1% informaram gastar 10 horas diárias; e, 7,1% informaram gastar 4 horas diárias no ensino dos alunos na escola. O Gráfico 50 mostra esses dados:

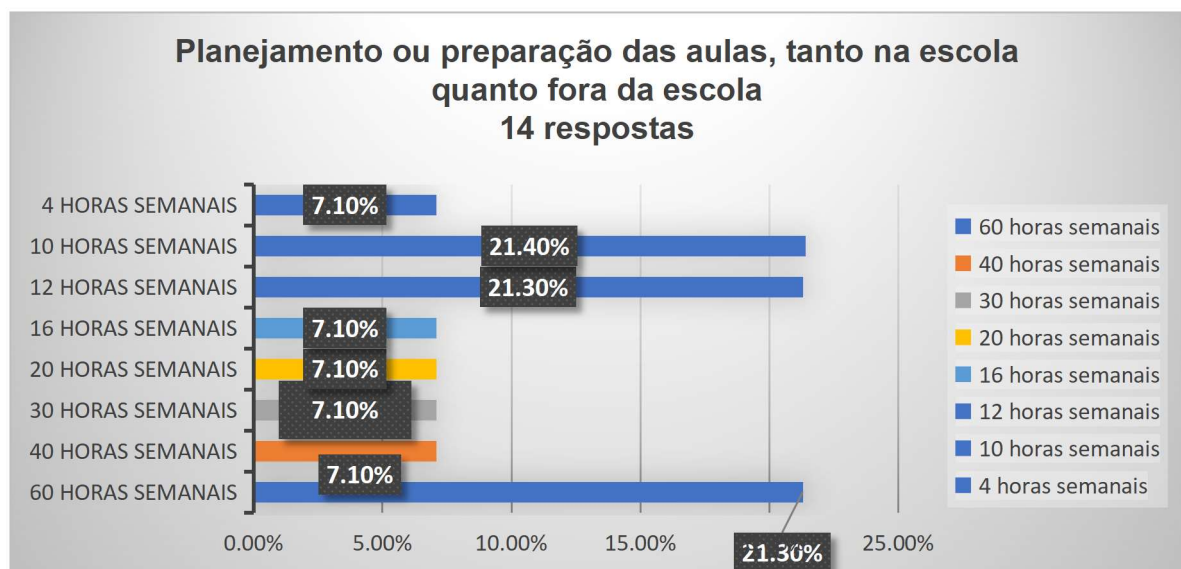
Gráfico 50 – Relação dos pesquisados quanto ao ensino de alunos na escola



Fonte: Elaborada pela autora

A respeito do número de horas gasta com planejamento ou preparação das aulas, tanto na escola quanto fora da escola; os dados mostraram que: 21,3% informaram gastar 60 horas semanais; 7,1% informaram gastar 40 horas semanais; 7,1% informaram gastar 30 horas semanais; 7,1% informaram gastar 20 horas semanais; 7,1% informaram gastar 16 horas semanais; 21,3% informaram gastar 12 horas semanais; 21,4% informaram gastar 10 horas semanais; e, 7,1% informaram gastar 4 horas semanais. O Gráfico 51 mostra esses dados.

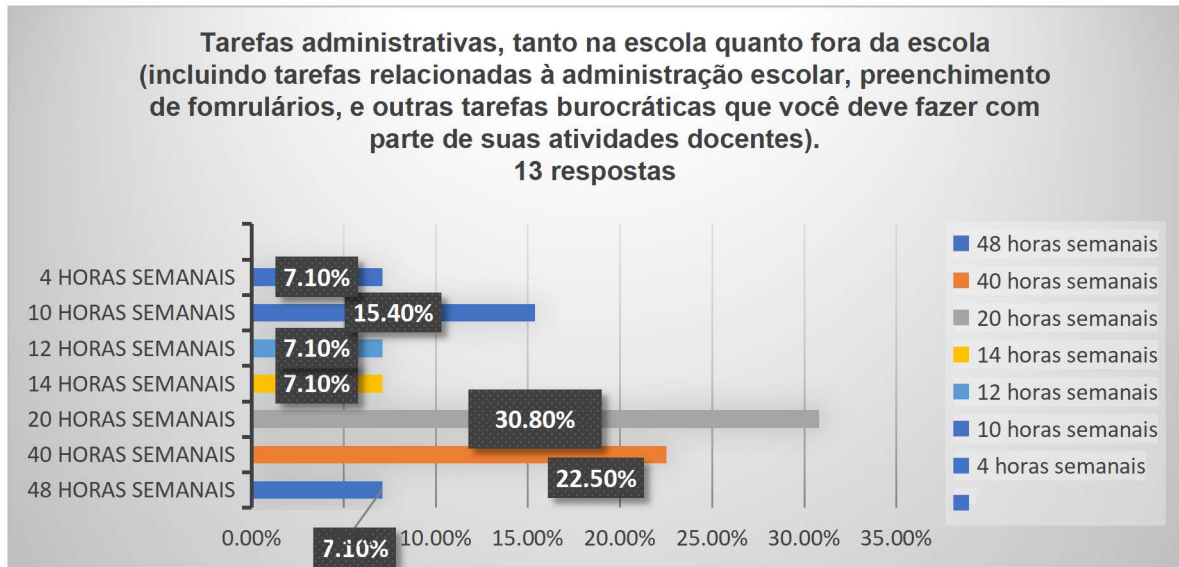
Gráfico 51 – Relação dos pesquisados quanto ao planejamento ou preparação das aulas, tanto na escola quanto fora da escola



Fonte: Elaborada pela autora

A respeito do número de horas gasta com tarefas administrativas, tanto na escola quanto fora da escola (incluindo tarefas relacionadas à administração escolar, preenchimento de formulários, e outras tarefas burocráticas que você deve fazer como parte de suas atividades docentes); os dados coletados mostraram que: 7,1% informaram gastar 48 horas semanais; 22,5% informaram gastar 40 horas semanais; 30,8% informaram gastar 20 horas semanais; 7,1% informaram gastar 14 horas semanais; 7,1% informaram gastar 12 horas semanais; 15,4% informaram gastar 10 horas semanais; e, 7,1% informaram gastar 4 horas semanais. O Gráfico 52 mostra esses dados:

Gráfico 52 – Relação dos pesquisados quanto às tarefas administrativas, tanto na escola quanto fora da escola



Fonte: Elaborada pela autora

Em uma das questões perguntamos aos docentes a frequência em que vão aos seguintes eventos culturais: Teatro / Museus / Cinema. As respostas mostraram que: 71,4% disseram ir algumas vezes por ano; 14,3% disseram ir uma vez por mês; e, 14,3% disseram nunca ir aos locais questionados. O Gráfico 53 mostra esses dados:

Gráfico 53 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que visitam teatro, museus ou cinema



Fonte: Elaborada pela autora

Perguntamos sobre a frequência em que vão aos seguintes eventos culturais: Exposições / festas culturais. As respostas mostraram que: 71,4% disseram ir algumas vezes por ano; 7,1% disseram ir uma vez por mês; e, 21,4% disseram nunca ir aos locais questionados. O Gráfico 54 mostra esses dados:

Gráfico 54 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que visitam exposições / festas culturais



Fonte: Elaborada pela autora

Foi perguntado aos docentes a frequência em que vão aos seguintes eventos culturais: Shows musicais. As respostas mostraram que: 35,7% disseram ir algumas vezes por ano; 7,1% disseram ir uma vez por mês; e, 57,1% disseram nunca ir a shows musicais. O Gráfico 55 mostra esses dados:

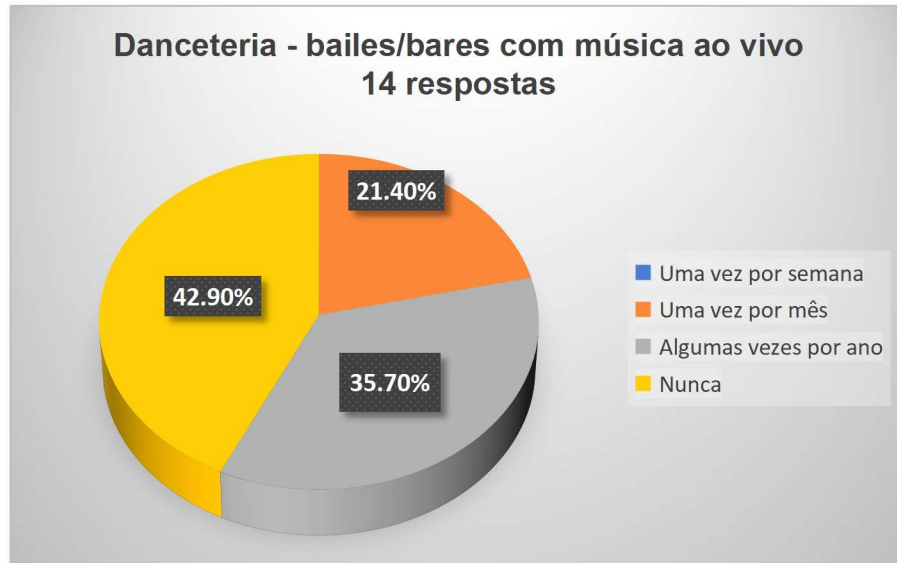
Gráfico 55 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que vão a shows musicais



Fonte: Elaborada pela autora

Foi perguntado aos docentes a frequência em que vão aos seguintes eventos culturais: Danceteria – bailes / Bares com música ao vivo. As respostas apontam que: 35,7% disseram ir algumas vezes por ano; 21,4% disseram ir uma vez por mês; e, 42,9% disseram nunca ir. Esses dados constam no Gráfico 56:

Gráfico 56 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que vão à danceteria – bailes / Bares com música ao vivo



Fonte: Elaborada pela autora

Foi perguntado ao docente a frequência em que vão aos seguintes eventos culturais: Estádios esportivos / Clubes. Os dados revelaram que: 35,7% disseram ir algumas vezes por ano; 21,4% disseram ir uma vez por mês; e, 42,9% disseram nunca ir, conforme podemos ver no Gráfico 57.

Gráfico 57 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que vão a estádios esportivos / Clubes

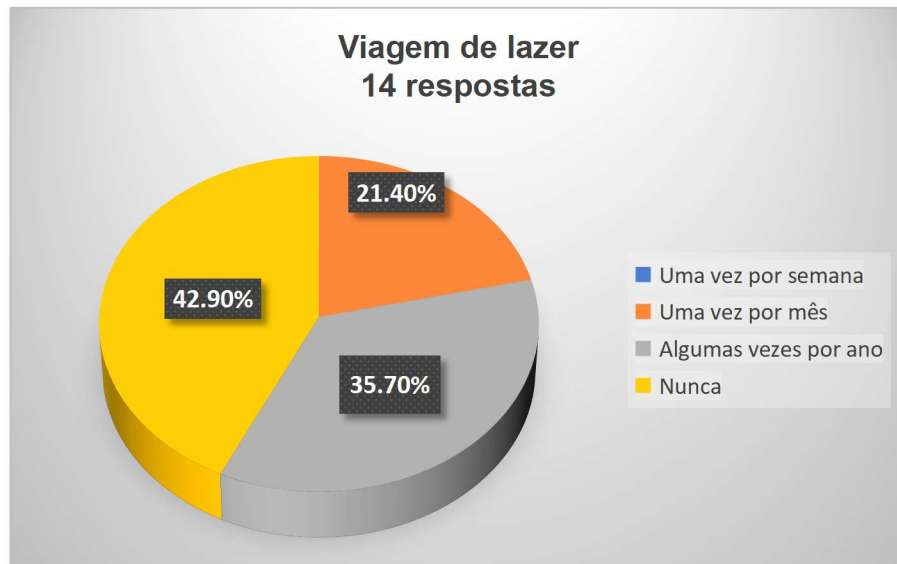


Fonte: Elaborada pela autora

Foi perguntado aos docentes a frequência em que fazem viagens de lazer. As respostas mostraram que: 35,7% disseram ir algumas vezes por ano; 21,4%

disseram ir uma vez por mês; e, 42,9% disseram nunca ir. Essas informações constam no Gráfico 58:

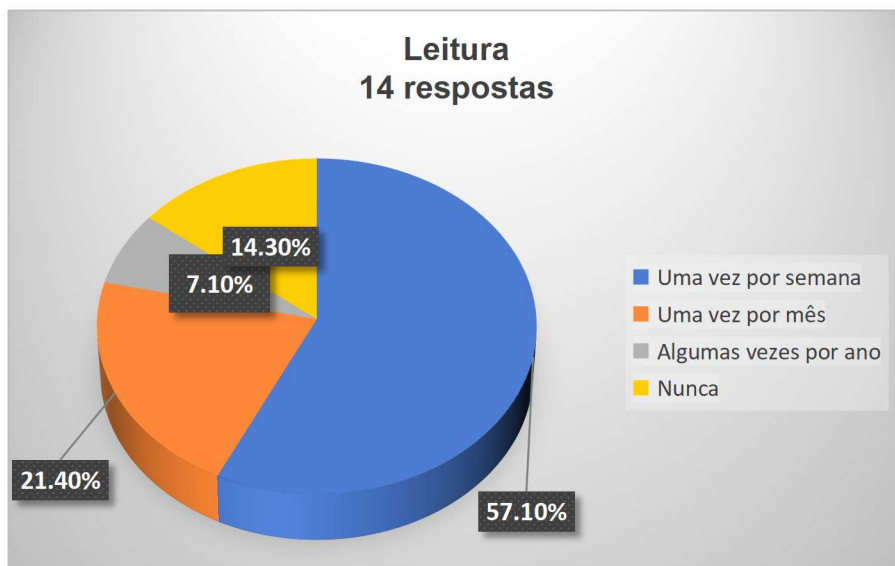
Gráfico 58 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que fazem viagem de lazer



Fonte: Elaborada pela autora

Foi perguntado aos docentes a frequência em que realizam alguma leitura. As respostas foram: 7,1% disseram algumas vezes por ano; 21,4% disseram uma vez por mês; 57,1% disseram uma vez por semana; e, 14,3% responderam nunca fazerem leitura, conforme aponta o Gráfico 59:

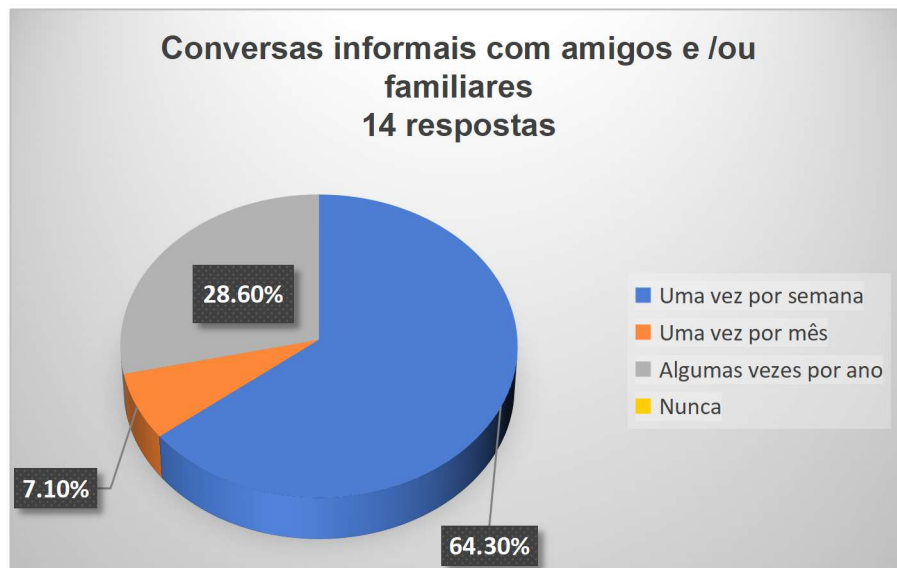
Gráfico 59 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que fazem leitura



Fonte: Elaborada pela autora

Perguntamos sobre a frequência em que realizam conversas informais com amigos e/ou familiares. Os dados coletados mostraram que: 28,6% algumas vezes por ano; 7,1% uma vez por mês; e, 64,3% uma vez por semana. O Gráfico 60 mostra esses dados:

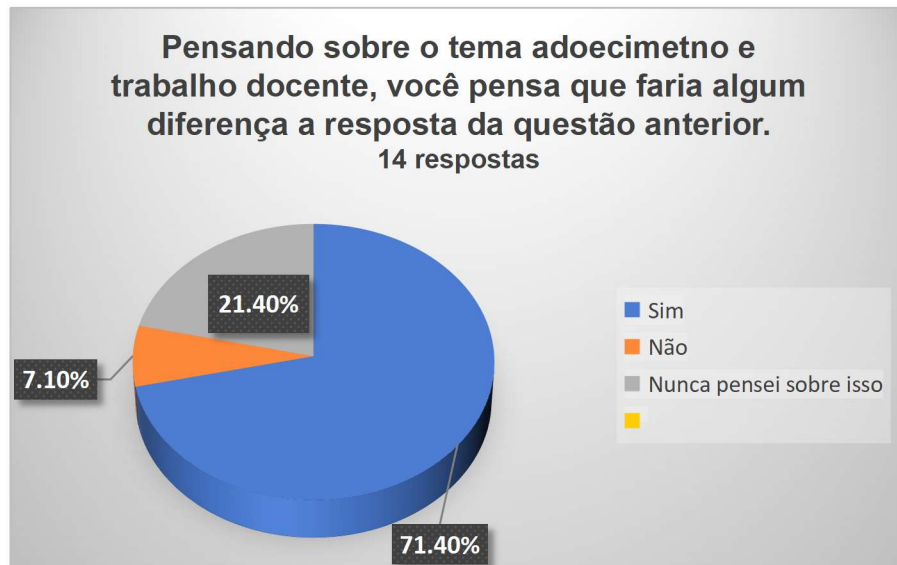
Gráfico 60 – Relação dos pesquisados quanto à frequência com que realizam conversas informais com amigos e/ou familiares



Fonte: Elaborada pela autora

Outra pergunta que fizemos no questionário foi: Pensando sobre o tema adoecimento e trabalho docente, você pensa que faria alguma diferença a resposta da questão anterior? Os dados mostraram que: 71,4% responderam que sim; 21,4% responderam que nunca pensaram nesta questão; e, 7,1% responderam que não faria diferença, conforme podemos ver no Gráfico 61:

Gráfico 61 – Relação dos pesquisados quanto entendimento dos mesmos sobre a relação entre o adoecimento e a resposta da questão anterior

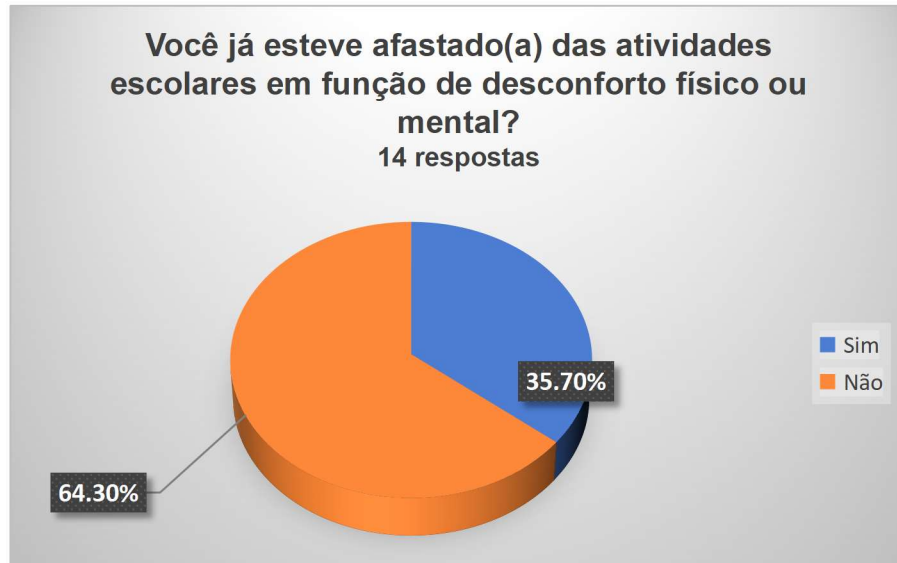


Fonte: Elaborada pela autora

3.3 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E RESISTÊNCIA AOS FATORES POTENCIALIZADORES DE ADOECIMENTO RELACIONADOS AO TRABALHO DOCENTE

Como o objetivo dessa pesquisa diz respeito às estratégias de enfrentamento e resistência aos fatores potencializadores de adoecimento relacionados ao trabalho docente, em nosso questionário fizemos a seguinte pergunta: Você já esteve afastado(a) das atividades escolares em função de desconforto físico ou mental? As respostas a essa pergunta mostraram que: 64,3% não se afastaram e 35,7% já precisaram se afastar. O Gráfico 62 mostra esses dados:

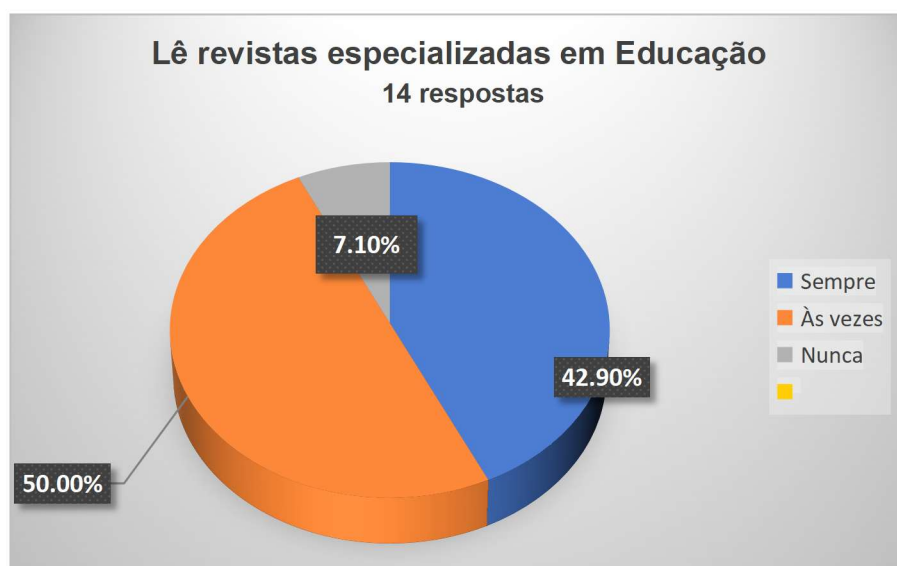
Gráfico 62 – Relação dos pesquisados quanto a terem se afastado(a) das atividades escolares em função de desconforto físico ou mental



Fonte: Elaborada pela autora

Na busca de entender quais as estratégias utilizadas pelos docentes como forma de enfrentamento do cansaço e *stress* por causa do trabalho, oferecemos opções organizadas em subitens desse questionário. A primeira opção foi: Lê revistas especializadas em Educação? Os dados mostraram que: 42,9% responderam que sempre; 50% as vezes; e, 7,1% responderam que nunca, conforme podemos ver no Gráfico 63.

Gráfico 63 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: leitura de revistas especializadas em Educação



Fonte: Elaborada pela autora

Outra opção relacionada às estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress foi: Lê materiais de estudo? Os dados mostraram que: 71,4% responderam que sempre e 28,6% as vezes. O Gráfico 64 mostra esses dados:

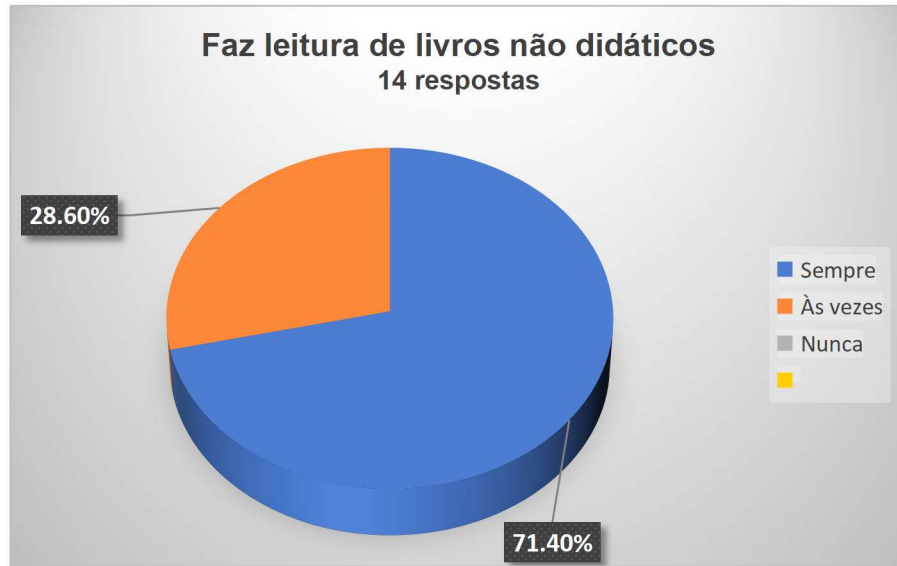
Gráfico 64 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: leitura de materiais de estudo.



Fonte: Elaborada pela autora

Ainda sobre as estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e *stress* por causa do trabalho, oferecemos a opção: leitura de livros não didáticos. As respostas mostraram que: 71,4% lê sempre e 28,6% as vezes, como podemos ver no Gráfico 65

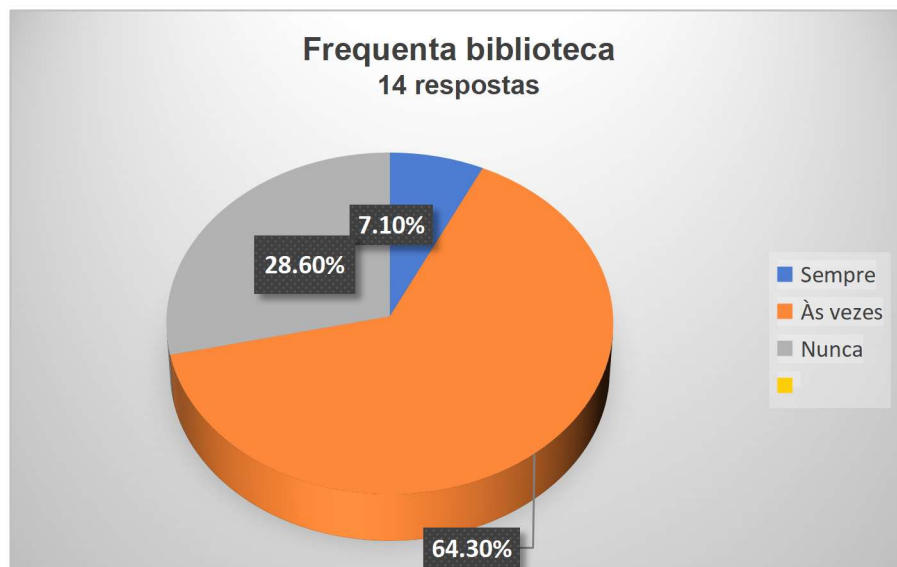
Gráfico 65 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: leitura de livros não didáticos



Fonte: Elaborada pela autora

Outra opção relacionada às estratégias que são usadas por eles como forma de enfrentamento do cansaço e *stress* por causa do trabalho foi se os docentes frequentam biblioteca. Os dados coletados mostraram que 7,1% responderam que sempre e 64,3% as vezes e 28,6% responderam que nunca, como vemos nos Gráfico 66:

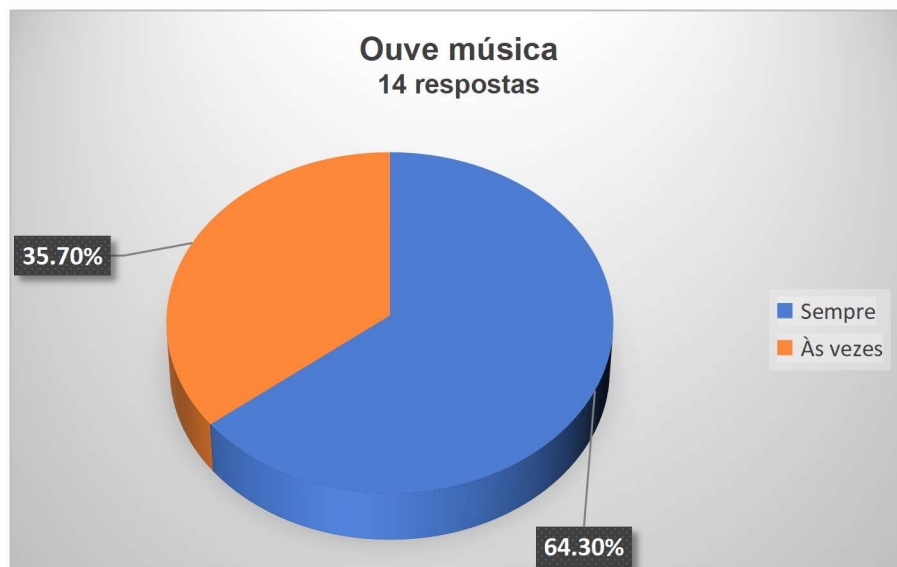
Gráfico 66 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: frequenta biblioteca



Fonte: Elaborada pela autora

Outra opção oferecida dentro desse aspecto foi se os docentes ouvem músicas. Os dados mostraram que 64,3% responderam que sempre e 35,7% as vezes. O Gráfico 67 mostra esses dados:

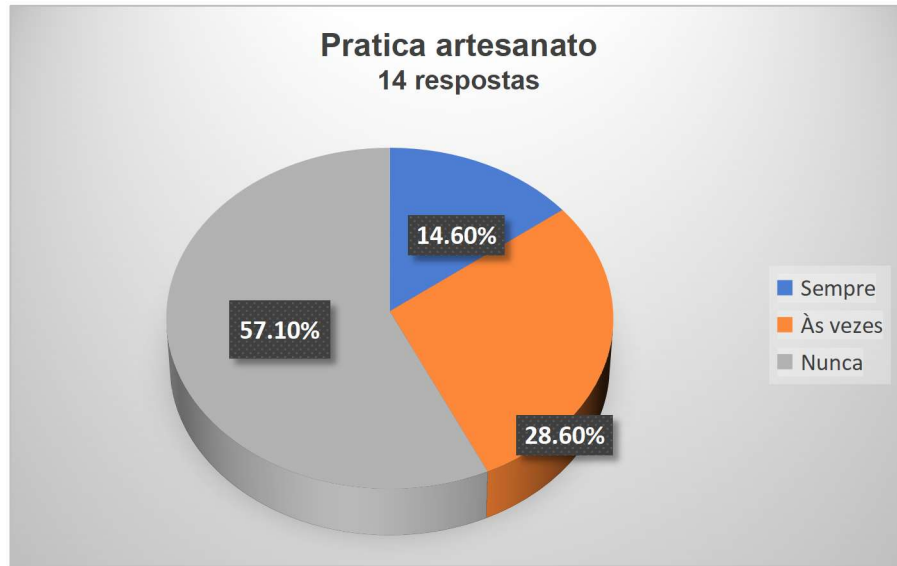
Gráfico 67 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: ouve música



Fonte: Elaborada pela autora

Outra opção oferecida dentro desse item foi se os docentes praticam artesanato. Os dados mostraram que 14,3% responderam que sempre; 28,6% as vezes; e, 57,1% responderam nunca. O Gráfico 68 mostra esses dados:

Gráfico 68 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: pratica artesanato



Fonte: Elaborada pela autora

Pedimos aos docentes que indicassem algumas estratégias utilizadas por eles como forma de enfrentamento do cansaço e *stress* por causa do trabalho. Dentre as opções oferecidas, a primeira foi: procura ajuda de especialistas da saúde. Os dados mostraram que 28,6% responderam que sempre; 64,3% as vezes; e, 7,1% responderam nunca, conforme podemos ver no Gráfico 69:

Gráfico 69 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: procura ajuda de especialistas da saúde



Fonte: Elaborada pela autora

Outra opção oferecida foi se procuram ajuda religiosa. Sobre essa opção, 53,8% responderam que sempre e 46,2% responderam as vezes, conforme podemos ver no Gráfico 70:

Gráfico 70 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: procura ajuda religiosa



Fonte: Elaborada pela autora

Oferecemos, ainda, a opção: Procura dialogar com seus colegas de trabalho sobre o que te aflige? Os dados coletados mostraram que 42,9% responderam que sempre; 42,9% responderam as vezes; e, 14,3% responderam nunca. O Gráfico 71 mostra esses dados:

Gráfico 71 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: dialogar com seus colegas de trabalho sobre o que te aflige



Fonte: Elaborada pela autora

Oferecemos como opção a prática de exercícios físicos. Sobre essa opção, 35,7% responderam sempre; 50% responderam as vezes; e, 14,3% responderam nunca. O Gráfico 72 mostra esses dados:

Gráfico 72 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de enfrentamento do cansaço e stress: prática de exercícios físicos



Fonte: Elaborada pela autora

Ainda em relação às estratégias de enfrentamento e resistência utilizados na emergência de problemas que podem ser considerados como formas de potencializar o adoecimento, pedimos aos professores para elencar estratégias de enfrentamento e resistência utilizados por eles. Sobre esse questionamento, elencamos algumas das respostas, as quais também foram dispostas na tabela 1:

Adoro meu trabalho, ele me completa.
 Procuo dialogar com as colegas e outras pessoas com mais experiência.
 Atividades físicas.
 Desgaste emocional.
 Dialogar.
 Tento organizar meu trabalho ao máximo para não deixar acumular demandas.
 Tento relaxar nas horas vagas.
 Tirar um momento nos finais de semana para se desligar de tudo, a fim de descansar a cabeça. Ou até mesmo ouvir músicas.
 Trabalhar com o que eu gosto.
 Viagens e atividade física.

Tabela 1 – Relação dos pesquisados quanto estratégias utilizadas como forma de

Longa Jornada de Trabalho	
Respostas	Percentual
Adoro meu trabalho, ele me completa.	7,11%
Procuo dialogar com as colegas e outras pessoas com mais experiência.	7,11%
Atividades físicas.	7,11%
Desgaste emocional.	7,11%
Dialogar.	7,11%
Tento organizar meu trabalho ao máximo para não deixar acumular demandas.	7,11%
Tento relaxar nas horas vagas.	7,11%
Tirar um momento nos finais de semana para se desligar de tudo, a fim de descansar a cabeça. Ou até mesmo ouvir músicas.	7,11%
Trabalhar com o que eu gosto.	7,11%
Viagens e atividade física,	7,11%

enfrentamento do cansaço e stress: respostas diversas

Fonte: Elaborada pela autora

No que se refere à dupla jornada de trabalho e a forma como os professores utilizam para enfrentar essa questão, segue abaixo as respostas dos professores:

Creio que, neste caso, a palavra mais adequada não seja estratégia, mas sacrifício.
 Para dar conta de duplas jornadas de trabalho, sacrifico o tempo que eu deveria dedicar a outras instâncias da minha vida e, por vezes, tomo energético para aguentar adentrar na madrugada trabalhando.
 Tento relaxar nas horas vagas.
 Leitura e atividade física.
 Excesso de trabalho.
 Tento manter a calma, respiro e as vezes me sinto impotente.
 Organizo o tempo.
 Dividir tarefas.
 Foco.
 Adoro meu trabalho
 Uso de psicotrópicos.

Dupla jornada de trabalho	
Respostas	Percentual
Creio que, neste caso, a palavra mais adequada não seja estratégia, mas sacrifício.	7,11%
Para dar conta de duplas jornadas de trabalho, sacrifico o tempo que eu deveria dedicar a outras instâncias da minha vida e, por vezes tomo energético para aguentar adentrar na madrugada trabalhando.	7,11%
Tento relaxar nas horas vagas.	7,11%
Leitura e atividade física.	7,11%
Excesso de trabalho.	7,11%
Tento manter a calma, respiro e as vezes me sinto impotente.	7,11%
Organizo o tempo.	7,11%
Dividir tarefas.	7,11%
Foco.	7,11%
Adoro meu trabalho.	7,11%
Uso de psicotrópicos.	7,11%

Tabela 2 – Relação dos pesquisados quanto à dupla jornada de trabalho

Fonte: Elaborada pela autora

Quanto à organização do trabalho docente sobre a dupla jornada de trabalho segue abaixo as respostas dos professores:

Preciso trabalhar isso comigo, pois as vezes prefiro deixar de lado sem preocupar com o trabalho.
 Tenho tempo para mim- cultura/atividade física/viagens.
 Sim, vivo pela escola.
 Se organizar melhor.
 Realmente, ainda não aprendi a lidar com isso como deveria. Coloco meu trabalho como prioridade com muita facilidade.
 Não me importo.
 Falta de se cuidar em geral.
 Descansar em pelo menos um dos dias no final de semana.
 Deixo tudo de lado e vou passear.
 Compras compulsivas.

Tabela 3 – Relação dos pesquisados quanto à falta de tempo para si mesmo

Falta de tempo para si mesmo	
Respostas	Percentual
Preciso trabalhar isso comigo, pois as vezes prefiro deixar de lado sem preocupar com o trabalho.	7,11%
Tenho tempo para mim cultura/atividade física/viagens.	7,11%
Sim, vivo pela escola.	7,11%
Se organizar melhor.	7,11%
Realmente, ainda não aprendi a lidar com isso como deveria. Coloco meu trabalho como prioridade com muita facilidade.	7,11%
Não me importo.	7,11%
Falta de se cuidar em geral.	7,11%
Descansar em pelo menos um dos dias no final de semana.	7,11%
Deixo tudo de lado e vou passear.	7,11%
Compras compulsivas	7,11%

Fonte: Elaborada pela autora

Referente às estratégias de enfrentamento e resistência relacionados à falta de oportunidade de atualização profissional seguem as respostas dos professores:

Isso é angustiante. Sempre sonhei fazer mestrado. E agora que estou tendo a oportunidade, não estou conseguindo dedicar o tempo necessário a ele. Todavia, como preciso do meu trabalho para pagar o mestrado, fico em sentimento de constante pressão.
 Não.
 Nenhuma.
 Busco cursos on-line para atualização.
 Falta tempo.

Busco atualização por conta própria.
 Sempre busco pela atualização profissional.
 Não tenho.
 Sim.
 Buscar cursos gratuitos.
 Procura por cursos aligeirados.
 Sim, pois falta de oportunidade financeira pra fazer cursos que exigem dinheiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta pesquisa foi conhecer a percepção dos professores que atuam na Educação Básica acerca da relação entre adoecimento e trabalho docente, destacando suas estratégias de enfrentamento e resistência a este processo. De forma específica buscamos contextualizar a organização do trabalho docente frente às mudanças relacionadas à lógica da produtividade; realizar um estudo teórico a respeito da saúde do professor, situando as proposições levantadas em pesquisas científicas a respeito do tema; refletir a relação entre o adoecimento e o trabalho docente, identificando possíveis estratégias de enfrentamento e resistência no âmbito individual e coletivo.

No percurso da pesquisa, buscamos colocar em evidência as contradições referentes ao trabalho docente, identificando que ao mesmo tempo em que este profissional vivencia historicamente uma precarização de sua profissão, marcada por questões como os baixos salários, falta de uma estrutura física e pedagógica que dê conta de atender às exigências imputadas à escola, é submetido a uma intensificação do trabalho que vai além das atividades de sala de aula e a uma cultura de desvalorização do professor.

O estudo teórico permitiu compreender que as condições do trabalho docente estão interligadas a um contexto maior que tem a ver com uma racionalidade voltada ao atendimento dos anseios do capital. Existe uma economia política por trás das regulamentações do trabalho docente, gestada no contexto de fortalecimento dos ideais neoliberais. Por meio da pesquisa, observamos que esta configuração político-econômica tem conduzido as orientações para a formulação de políticas públicas educacionais cada vez mais comprometidas com a economia de mercado.

Tudo isso afeta diretamente a profissão docente à medida que estabelece transformações e mudanças constantes na função do docente para atender a esta

lógica. O processo amplo de ações político-ideológicas que definem as formas de estruturação, organização e operacionalização do sistema de ensino tem contribuindo para o adoecimento dos professores.

Nesse contexto, destacamos o processo global de uniformização de propostas vinculadas a orientações de organismos internacionais, com vista a promover um ajuste estrutural nos países pobres com intuito de adequá-los às políticas neoliberais. As ações desses organismos internacionais são evidenciadas em sua conotação política e ideológica de interferência na formulação de políticas públicas dos países em desenvolvimento, principalmente no que se refere às áreas de educação e à saúde, às quais se impõe uma política voltada aos interesses do mercado e à formação de mão de obra qualificada.

Considerando tais informações teóricas e direcionada pelas inquietações emanadas da minha experiência profissional, consideramos importante ouvir do próprio docente como ele percebe todo esse movimento em torno do seu papel como profissional. Então, convidamos um grupo de professores para responderem a um questionário com perguntas abertas e fechadas, no qual solicitamos que colocassem suas impressões a respeito das condições de trabalho, se lançavam mão de alguma estratégia para enfrentar e resistir à carga estressante imputada ao trabalho doente.

Por meio da análise de dados percebemos que o professor, apesar de sentir-se bem preparado para enfrentar o mercado de trabalho por meio de sua formação acadêmica, se sente esgotado com relação às demandas crescentes de ordem administrativas e burocráticas. Os professores alegam que a falta de tempo para si está entre um dos níveis de maior insatisfação; bem como a baixa remuneração e as altas cargas horárias de trabalho depreendidas com o intuito de uma maior remuneração. Como estratégia de enfrentamento podemos perceber a fuga através do uso até mesmo de psicotrópicos relatado por um dos professores. Desse modo, percebemos que os professores, em sua maioria, estão em processo de esgotamento e insatisfação com seu trabalho.

Com relação às estratégias de enfrentamento podemos perceber que estes são de ordem individual e que a resistência que é a vontade de sujeitos livres e conscientes que se opõem e querem lutar. Nesse sentido, ressaltamos que o sujeito, como suporte da linguagem, precisa participar dos processos discursivos por meio dos quais a resistência pode vir a ser - esse seria o ideal da resistência. Porém, o

que percebemos é que a resistência está permeada em anestesiar a dor que o trabalho pode causar e que são poucos os professores que ousam a lutar tanto na esfera individual quanto na esfera coletiva.

O estudo teórico permitiu, entretanto, vislumbrar a ideia de que a apresentação de sintomas desencadeadores do adoecimento, na verdade, pode muito bem ser interpretada como uma forma de resistência ao mundo do trabalho nos moldes neoliberais.

“É preciso ousar se revoltar”, nos diz Pêcheux (2009, p. 281). Então, que no exercício da resistência que é possível ao sujeito, essa que trabalha a partir da repetição do já-posto, o trabalho de mobilização da linguagem por sujeitos que se constituem em relação aos sentidos se abra para metáforas, metonímias, paráfrases, polissemias em que a repetição se reduza nos pontos equívocos de seu funcionamento. Se a repetição do já-posto é um ponto com o qual a resistência que é possível tem que lidar, que ela seja tomada também como espaço de luta e que as palavras do poeta ganhem força e sentido: Repetir, repetir – até ficar diferente.

Dois pensadores, mencionados em pesquisas podem ser buscados em futuras pesquisas para a compreensão deste modelo de resistência. Foucault quando alerta que onde há mecanismos disciplinadores há transgressões às normas, ou seja, há resistência. E, ainda, Freud com a ideia de que a resistência do id oferece um campo fértil para pensarmos os processos de resistência e enfrentamento das situações que não nos trazem prazer.

REFERÊNCIAS

ALVES, T.; PINTO, J. M. R. Remuneração e características do trabalho Docente no Brasil: um aporte. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 143, maio/agos. 2011.

ALVES-MAZZOTI, Alda Judith. Revisão da Bibliografia. In: ALVES MAZZOTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998. p. 179-188.

Associação de Docentes da Unicamp – Seção Sindical. **ADunicamp apresenta o relatório da consulta sobre as condições de trabalho docente remoto durante a pandemia de covid-19**. 27 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.adunicamp.org.br/2020/07/adunicamp-apresenta-o-relatorio-da-consulta-sobre-as-condicoes-de-trabalho-docente-remoto-durante-a-pandemia-de-covid-19/> Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

BENEVIDES-PEREIRA. A. M. T. (org.). **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002

BRASIL, Christina Cesar Praça et al. **O contexto da docência e sua influência no sofrimento psíquico de professoras do ensino fundamental**. Revista Brasileira em Promoção da Saúde, 2016, Vol.29(2), pp.180. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/5174> Acesso em: 22 de julho de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Síndrome de Burnout: o que é, quais as causas, sintomas e como tratar** <http://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-mental/sindrome-de-burnout> Acesso em 23 abril de 2020.

CODO, Wanderley; MENESES, Iône Vasques. O que é burnout? In: CODO, Wanderley (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. pp. 237-254.

COSTA, Josias Alves. da. de Sadi Dal Rosso, Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea. (resenha) *Sociedade E Estado*, 25 (2). (2011). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5540> Acesso em: 22 de maio de 2021.

CRUZ, M. A. S. Desafios da Clínica Contemporânea: novas formas de “manicomialização”. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo

Interinstitucional Queixa Escolar **Medicalização de crianças e adolescentes: Conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 17-27.

DA SILVA, Gislayne Januaria; Almeida, Anna Alice ; de Lucena, Brunna Thais Luckwu; Silva, Maria Fabiana Bonfim de Lima. **Sintomas vocais e causas autorreferidas em professores**. Revista CEFAC: Atualização Científica em Fonoaudiologia e Educação, 2016, Vol.18(1), p.158(9).

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez – Oborê, 1992.

DEJOURS, C. **Travail**: usure mental. 2 ed. Paris: Bayard,1993.

DEJOURS, C., ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em Psicopatologia do Trabalho. In: BETIOL, M.I.S. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994. p.119-145.

Dicionário Etimológico. **Etimologia e Origem das Palavras**. 2021. (online) <https://www.dicionarioetimologico.com.br/busca/?q=trabalho> Acesso em 10 de março de 2021.

DORNELAS, Rodrigo et al. **Relação entre a função glótica e a desvantagem vocal em professores da rede pública de ensino**. Rev. CEFAC 19 (3). 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0216201719316216> Acesso em: 20 de junho de 2021.

DUARTE, M. R. T. (Orgs.) **Política e trabalho na escola: adm balho na escola inistração dos sistemas de educação básica**. 2.ed., Belo Horizonte, 2001, p. 177-190.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. 2 ed. Portugal: Porto Editora Ltda., 1995. p. 93-124.

ESTEVE, J. M. **O mal estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru, SP: EDUSC,1999.

FERRACCIU, Cristiane Cunha Soderini; DOS SANTOS, Daniela Monique Tavares; DE BARROS, Phillipe Xavier; TEIXEIRA, Liliane Reis; DE ALMEIDA, Marcia Soalheiro. Índice de capacidade para o trabalho e desequilíbrio Esforço-Recompensa relacionado ao distúrbio de voz em professoras da rede estadual de Alagoas. **Revista CEFAC**: Atualização Científica em Fonoaudiologia e Educação, 2015, Vol.17(5), p.1580(10).

FERREIRA BORSOI, Izabel Cristina; SILVA PEREIRA, Flavilio. Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. **Univ. Psychol.** [online]. 2013, vol.12, n.4, pp.1213-1235. ISSN 1657-9267. Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1657-92672013000400018&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 20 de julho de 2021.

FRANCO, F, et al. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In SAFATLE, V.; JUNIOR, N da S.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FRIGOTTO, G. **A Produtividade da Escola Improdutiva**: Um (re) Exame das Relações entre Educação e Estrutura Econômico-Social Capitalista. São Paulo: Cortez, 1984.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila.. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa** [online]. 2005, v. 31, n. 2 [], pp. 189-199. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200003> Acesso em 17 Agosto 2021

GOMES, Nayara Ribeiro; MEDEIROS, Adriane Mesquita de; TEIXEIRA, Leticia Caldas. Autopercepção das condições de trabalho por professores de ensino fundamental. **Revista CEFAC: Atualização Científica em Fonoaudiologia e Educação**, 2016, Vol.18(1), p.167(7). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-021620161819515> Acesso em: 20 de julho de 2021.

GONÇALVES, Patrícia Batista; SANTOS, Mário Rosa dos; CHAVES, Manoel Rodrigues; SILVA, André Vasconcelos da. "O Contexto histórico das universidades federais no Brasil e a participação de docentes, discentes e técnicos administrativos no processo de tomada de decisão nessas instituições públicas". **Anais do Simpósio de Metodologias Ativas**: Inovações para o ensino e aprendizagem na educação básica e superior [= Blucher Education Proceedings, v. 2, n. 1]. São Paulo: Blucher, 2017. ISSN 2318-695X, DOI 10.5151/sma2016-017

HERMES, Elisangela Giroto Carelli; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência de sintomas vocais em professores na rede municipal de ensino em campo Grande-MS. **Revista CEFAC: Atualização Científica em Fonoaudiologia e Educação**, 2015, Vol.17(5), p.1541(15). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-021620151751215> Acesso em: 20 de maio de 2021.

IDOETA, P. A. **Como valorizar a carreira de professor no Brasil?** BBC Brasil. São Paulo. 15 out. 2013. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/131015_valorizacao_professores_pai. Acesso em: 03 jul. 2017.

JUSTINO, G. **Cursos de licenciatura enfrentam queda na procura em todo o Brasil**. GaúchaZH.02 jul. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2015/07/cursos-de-licenciatura-enfrentam-queda-na-procura-em-todo-o-brasil-4793025.html>. Acesso em: 03 jul. 2017.

KOETZ, Lydia; REMPEL, Claudete; PÉRICO, Eduardo. **Qualidade de vida de professores de Instituições de Ensino Superior Comunitárias do Rio Grande do Sul**. Ciênc. saúde coletiva 18 (4). 2013. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000400015> Acesso em: 20 de junho de 2021.

LEÓN, G. L. Los profesionales de secundaria, como factores de riesgo en el síndrome de Burnout. **Revista Electrónica Educare**, 15 (1), 177-191. 2011.

LIPP, M. N. **O estresse do professor**. 7^a ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LOURENCETTI, G. C. A baixa remuneração dos professores: algumas repercussões no cotidiano da sala de aula. *R. Educ. Públ. Cuiabá*, v. 23, n. 52, p. 13-32, jan./abr. 2014

LUZ, Madel Therezinha. **Saúde**. Origens etimológicas do termo. 2009 Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/sau.html#:~:text=Sa%C3%BAde%2C%20em%20portugu%C3%AAs%2C%20deriva,%2C%20cura%2C%20bem%2Destar>. Acesso em 10 de março de 2021.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira; SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira R. de. A Questão do Método e da Metodologia: uma análise da produção acadêmica sobre professores(as) da Região Centro-Oeste/Brasil. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 669-693, maio/ago. 2012.

MARX, K. O capital. **Crítica da economia política**. Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do cotidiano**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2000.

NEVES, M. Y. **Trabalho docente e saúde mental: a dor e delícia de ser (tornar-se) professora**. 1999. 277f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2009.

PENTEADO, Regina Zanella; SOUZA NETO, Samuel de. **Mal-estar, sofrimento e doença do professor: das narrativas do trabalho e da cultura do professor ao ensino como profissão**. *Saúde e Sociedade*, January-March 2019, Vol.28(1), pp.135-153. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019180304> Acesso em: 21 de julho de 2021.

PERRENOUD, **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**. Perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

POLONIAL, J. M. **A Intensificação do Trabalho Docente no Ensino Superior Público Federal**: o caso da Universidade Federal de Goiás (1996). 2017. 246 f.

Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

POLONIAL, M. J. A saúde dos professores e das professoras no contexto das transformações recentes no mundo do trabalho. **Boletim de Conjuntura Econômica e do Mercado de Trabalho do Estado de Goiás**, n. 3, nov, 2013. (IS

REIS, E. J. F. B. et al. **Docência e exaustão emocional**. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 20 de junho de 2021.

ROZENDO, Kelly Cristina Tesche; DIAS, Carmen Lúcia. **Possibilidades de sofrimento Psíquico do professor universitário de uma licenciatura**. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 11, n. 3, p.126-144, set/dez 2014. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1213> Acesso em: 21 de julho de 2021.

SADER, E. Prefácio. In.: MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008

SADER, Emir. Prefacio. In: MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SALES, Luzinete Oliveira; FREITAS, Maria do Carmo Soares de. A experiência com o adoecimento na docência: um estudo com professoras do município de São Miguel das Matas, Bahia, Brasil. **SISYPHUS Journal of education** volume 6, ISSUE 02, 2018, pp.65-81 Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/14250-Article%20Text-45799-1-10-20180630%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/14250-Article%20Text-45799-1-10-20180630%20(1).pdf) Acesso em: 12 de julho de 2021.

SANCHEZ, Hugo Machado et al. **Impacto da saúde na qualidade de vida e trabalho de docentes universitários de diferentes áreas de conhecimento**. Ciênc. saúde coletiva 24 (11) • Nov 2019 • Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182411.28712017> Acesso em: 30 de maio de 2021.

SÃO PAULO. Relatório Pesquisa Adusp sobre as condições de trabalho durante a pandemia. Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/files/covid/relatpesqpand.pdf> Acesso em: 20 de junho de 2021.

SHIROMA, Eneida Oto. O eufemismo da profissionalização. In: MORAES, Maria Célia Marcondes de (Org.). **Iluminismo às avessas**: produção de conhecimento e políticas de formação docente. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SHIROMA, Eneida Oto; EVANGELISTA, Olinda. Um fantasma ronda o professor: a mística da competência. In: MORAES, Maria Célia Marcondes de (Org.). **Iluminismo às avessas**: produção de conhecimento e políticas de formação docente. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA, Gislayne Januaria da et al. **Sintomas vocais e causas autorreferidas em professores.** Rev. CEFAC 18 (1). 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-021620161817915> Acesso em: 20 de junho de 2021.

SILVA, Maria Abádia da. **Intervenção e consentimento:** a política educacional do Banco Mundial. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SOARES, Magda B. **Alfabetização no Brasil:** o Estado do Conhecimento. Brasília: INEP/Santiago: Reduc, 1989.

SOUZA, Aparecida Neri de; SOUZA, Liliane Bordignon de. **Segunda etapa da pesquisa: condições de trabalho no IFSP em tempos de covid-19.** Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica Seção Sindical São Paulo. 2020. Disponível em: <https://sinasefesp.org.br/segunda-etapa-da-pesquisa-condicoes-de-trabalho-no-ifsp-em-tempos-de-covid-19/> Acesso em: 20 de maio de 2021.

SOUZA, K. R. et al. Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) na luta pela saúde no trabalho. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 8, n. 4, p. 1057-1068, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320172211.01192016> Acesso em: 21 de julho de 2021.

TARDIF, Maurice. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. In: TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação de professores.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 56-111.

VIEIRA, Isabela. **Burnout e estresse: entre medicalização e psicologização.** Physis, 2019, Vol.29(2).

WISNER, A. **A inteligência do trabalho:** textos selecionados em ergonomia. São Paulo: FUNDACENTRO, 1994.

YANNOULAS, S.C.(1994). **Educar:** Uma profesion de mujeres? Teses de doutoramento: FLACOSSO/UnB.